

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

A IDENTIDADE DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL:

A DINÂMICA DA CAFEICULTURA E AS SOLIDARIEDADES DO LUGAR



Monografia

Aluna: *Carin Carrer Gomes*

Orientadora: *Profa. Dra. Maria Adélia Aparecida de Souza*

Campinas, janeiro de 2003

Monografia apresentada ao Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da Unicamp, sob a orientação da Professora Doutora Maria Adélia Aparecida de Souza, como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Capa: *Café*, de Candido Portinari (1934). Acervo do Museu Nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro.

ÍNDICE

Apresentação e Agradecimentos	6
Introdução	13
1 O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA	17
1.1 O Lugar: Suas Especificidades e as Especializações Funcionais	17
1.2 A Relação Lugar/Mundo: Fundamento da Especialização Funcional	25
2 O CAFÉ COMO PROCESSO NA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL BRASILEIRA	28
2.1 O Café: Do Mundo ao Brasil	28
2.2 O Circuito Espacial do Café em São Paulo	32
2.3 Período Técnico-Científico Informativo e Comunicacional: O Complexo Cafeeiro Atual	36

3 ESPÍRITO SANTO DO PINHAL E AS SOLIDARIEDADES GERADAS PARA A PRODUÇÃO DE CAFÉ	40
3.1 O Passado que se faz Presente em Espírito Santo do Pinhal	40
3.2 A Especialização Funcional de Espírito Santo do Pinhal e suas Especificidades	43
4 A EMPRESA PINHALENSE S/A MÁQUINAS AGRÍCOLAS: CONCREÇÃO DA REALIDADE SOBRE A RELAÇÃO LUGAR E MUNDO	48
4.1 Tipologia da Empresa	48
4.2 A Relação da Empresa Pinhalense com o Lugar	54
Considerações Finais	59
Bibliografia	61
ANEXOS	final

APRESENTAÇÃO E AGRADECIMENTOS

Eu nasci em Osasco-SP em 1979, ainda na ditadura militar, aos cinco anos fui para o interiorzão do estado, Santa Cruz do Rio Pardo, fiquei por lá até meus 15 anos. A educação de minha geração estava fadada ao fracasso (cresci escutando isso de burocratas travestidos de professores) esse era quase o lema da escola estadual que frequentei no ensino fundamental, nesse entremeio eu voltei mais duas vezes a morar em Osasco, e por lá a coisa estava pior... Depois desta sutileza na minha formação, eu fiz o primeiro colegial em Piracicaba, uma "modernidade" na educação, era de arrepiar, estava no colégio dos "feras", nunca tive muita intimidade com as máquinas que substituíam meus professores, fui ficando constrangida e culpada. Lá aprendi que livros eram para preguiçosos (lia poesia escondida, não podia parecer preguiçosa). Acabei me assumindo como uma aluna mediana no meio de tantas "feras". No segundo colegial fui para Avaré, escolhi ser "objetiva", literalmente, nesse colégio me senti enganada, era tudo igual ao meu primeiro ano de colegial, só as cores das capas das apostilas é que mudavam, mais um ano para decorar as apostilas e quem sabe no terceiro colegial ser uma destacada aluna. No terceiro, achei que tudo ia mudar, fui morar em Natal-RN, para não sofrer muito com as diferenças educacionais, optei em estudar novamente no colégio dos "feras", qual não foi minha surpresa: a apostila era toda com questões sobre São Paulo, tinham colegas meus que nunca foram para São Paulo e sabiam mais da Geografia Paulista do que eu, e pouco sabiam sobre a de Natal. Na época achei boa essa condição, quem sabe assim eu não me destacava. Não deu muito certo, pois entre um ensino alienante e a praia do *careca*, optei pela última. Só não

reprovei, porque pega mal muitas reprovações num sistema de ensino tão "moderno". Com 18 anos voltei a morar no Estado de São Paulo, na cidade de Araraquara, onde fui fazer cursinho para aprender o que não aprendi nos três anos anteriores. Insisti no colégio dos "feras". Também eu não tinha outra opção. Passei um ano dedicada a decorar tudo, assim tudo era uma totalidade esquizofrênica. Uma angústia... a mim e a um menino da carteira ao lado, nós éramos os únicos numa sala de 100 alunos que não queríamos nem fazer engenharia e nem medicina, nos omitíamos para não ser motivo de piadas. Na onda da ecologia quase que curso a ciência oceanográfica. Mas acabei cursando outra, fui parar em um curso novo e inovador por discurso. A minha felicidade é que trouxeram um dos professores mais competente no Brasil sobre a ciência geográfica, a profa. Maria Adélia. Essa que nos trouxe ética e um método firme, para que eu pudesse entender que mundo é esse e me conhecer. A professora também nos apresentou a obra revolucionária de Milton Santos, filósofo da Geografia que deu sentido à nossa escolha. Paulatinamente, foi por todo esse processo que escolhi estudar o conceito de lugar. A forma como apresento minha monografia, não pretende ser irreverente, nem melancólica. Pretende sim, fazer uma crítica, a partir de minha existência, ao sistema educacional falho que insiste em propagar-se, criticando a estúpida burocratização do saber, à competitividade, ao individualismo e a naturalização da vida. Para quem ficou curioso sobre o processo de minha geração que estava fadada ao fracasso, eu digo que aqueles burocratas estavam errados! O processo que agora tenho clareza que construo revela que estou fadada à liberdade e minha geração também faz parte desta possibilidade. Eis que me apresento, eis que apresento minha monografia de conclusão de um angustiante curso.

Chegou o momento que mais almejei nessa monografia, assumir a coletividade da reflexão e agradecer. Cada parágrafo desta monografia está repleta de cinco anos de descobrimentos, e a toda minha profunda existência. Sempre, dialeticamente, coletiva e solitária.

Com toda minha dedicação a Nilvia e Elias, que são culpados pela minha confiança de um mundo melhor, construído pelo amor.

Às minhas preciosidades, Vivian e Bruna que sempre me ensinaram a buscar no passado o que me faz presente, e também me mostraram o valor da minha existência.

Aos meus doces avós, Maria e Dirce e Arquimedes (na memória) e Bruno. A todos os meus tios e em especial: Aldren, Silvia, Marilvia, Reinaldo, Nivaldo e Idevaldo.

Ao meu irmão Fábio Tozi, não como um pacto, mas sim por encontro de essência, ou será existência?

Ao Ricardo Alencar, minha grande inspiração (quando eu crescer, quero ser como você!). Se eu não te conhecesse talvez não saberia o que é razão e emoção.

À Mari..Albuquerque, juntas rimos muito, mesmo quando era para chorar... Ensinou-me muito sobre a força.

Ao Marião, parceiro 100%, você que uni paixão ao pensamento e ao sofrimento...

À Virna, nossa estrelinha de David, me mostrou a não ter respeito, pois quem respeita não discute e nem questiona, obrigada.

Ao Pablo da Barra Funda, me devolveu a beleza do samba, e a beleza das correspondências.

Ao Samuel, uma grande interrogação na nossa existência, mas que agradeço por você existir. Sinto falta das tuas histórias de Poços...

Ao Schumpeter, pela característica de sempre se apresentar sem nenhuma máscara, e de se assumir.

Ao João Paulo Amaral, pelo conhecimento empírico que tem do território brasileiro, me ensinou muito.

A linda Lise, que soube dar os sorrisos nas horas mais exatas.

Propositalmente, à Heloísa Molina, a quem dedico nesse momento o meu maior carinho.

À Luciana, a primeira a conquistar a liberdade.

Às minhas amigas Carla, Carol, Marisa e Marina. As meninas que me apontaram o que é o lugar.

Ao meu irmãozinho caçula Henderson, que me tem como espelho e eu a ele.

À Priscilla, Dri, Carol, Fábi's, Naila, Aninha, um brinde a essas personalidades! Ao Clayton, Alex, Macambira, Dú Monteiro, Mastrocola, Véio, ZZZZZ, Gallo, Hélio, Luizinho (pela ensibibilidade e insistência com isso), Giardini, André (matemática), Lú, ..., um salve para essa rapaziada do amor...

Aos meus queridos companheiros, Maria do Fetal e Victor Hugo, que sem as amarras, me ensinaram que a nobreza está no amor à vida.

Ao Rubens Toledo Jr. Pelas boas conversas.

À generosa recepção de Adalton e Lourenço, diretores da Pinhalense.

Pelo elo que estes dois cultivaram em mim:

Ao meu Professor Ricardo Castillo, a quem devo a beleza dos conceitos.

E que muitas vezes não me deixou desanimar. Sempre muito carinhoso comigo.

Ao meu Professor Márcio Cataia, pela mocidade e vivacidade com que resiste. Ao professor que não poupa noites para seus alunos. E me deu um presente: estudar a Pinhalense!

Ao meu professor e amigo Lobão, aquele que é vida vivida, que me instiga a pensar o Brasil, um professor daqueles que nunca se esquece!

À minha mestre Maria Adélia de Souza, que sempre teve muito zelo comigo, e nunca soube dissociar o ensino do amor.

Para você: *"Nada me satisfaz, nada me consola, tudo - quer haja sido quer não - me sacia. Não quero ter a alma e não quero abdicar dela. Desejo o que não desejo e abdicó do que não tenho. Não posso ser nada nem tudo: sou a ponte de passagem entre o que não tenho e o que não quero".* Fernando Pessoa

...os geógrafos, ao lado de outros cientistas sociais, devem se preparar para colocar os fundamentos de um espaço verdadeiramente humano, um espaço que una os homens por e para o seu trabalho, mas não para em seguida os separar em classes, entre exploradores e explorados; um espaço matéria inerte trabalhado pelo homem, mas não para se voltar contra ele; um espaço natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos, e não um artifício; um espaço instrumento de reprodução da vida, e não uma mercadoria trabalhada por uma outra mercadoria, o homem artificializado"

Milton Santos. *Por uma Geografia Nova*. Editora HUCITEC, São Paulo, 1978. p. 219.

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o
Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar. In: *Toda poesia*. Civilização
Brasileira Rio de Janeiro. 1980.

INTRODUÇÃO

A vida acadêmica, no seu sentido mais puro, reserva a possibilidade de pensar profundo sobre a existência, sobre o mundo, a liberdade, a ética. A responsabilidade de escolha é de total individualidade, sendo cada um responsável por aquilo que acredita e realiza, "*o homem está condenado a ser livre. (...) livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer*" (SARTRE, 1946: 9).

O Geógrafo tem a responsabilidade, que é um privilégio, de pensar e interpretar o mundo através da afirmação de seu método. O prazer desta tarefa está repleto de compromissos, pois interpretar o mundo é conhecer a existência, é explicar a realidade social, revelando a própria vida. Maria Adélia de Souza nos alerta através da idéia de Ortega y Gasset: *el mundo soy yo, mi vida y mis circunstancias!* E essa lucidez sobre o mundo é de extrema seriedade, pois envolve e é envolvido pela relação entre o pessoal (singular) com o todo. Nesse instante começa-se a revelar a necessidade de teorizar o que representa a dialética entre o todo e o particular.

A Geografia como leitura da realidade constitui de conceitos próprios que afirmam o seu método. Milton Santos sempre alertou que o método é fundamental na construção de idéias que expliquem de forma coerente e clara a realidade e suas diversas facetas. A Geografia tem na sua história a construção de métodos, que pode ser usado no exercício do pensamento livre e os Geógrafos tem a escolha de usar e torná-lo condizente às mudanças da

realidade. Sem a base do método a leitura geográfica do mundo pode ser deturpada e assim nada contribuirá ao ânimo social.

O espaço é uma instância que a cada momento remodelou seu sentido adaptando-se às mudanças do mundo, passando, grosso modo, de um espaço substrato para um espaço como abstração, um *ente*, uma instância social. No período atual chamado por Milton Santos de *período técnico-científico e informacional*, a Geografia se dedica ao *meio técnico-científico informacional* (um híbrido das ações - intencionalidades, mais o substrato modificado e o meio construído - as artificialidades).

Na recente história do pensamento geográfico brasileiro temos com Milton Santos uma renovada concepção do método da Geografia, que pensa o meio como *meio geográfico*, em sua abstração suprema: o Espaço Geográfico, ontológico¹, podendo atualmente ser concebido como uma totalidade: *forma-conteúdo*, a relação indissociável entre *espaço e tempo*, uma hibridez entre *tecnoesfera e psicoesfera*. "A idéia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa idéia também supõe o tratamento analítico do espaço como um conjunto inseparável de sistema de objetos e sistemas de ações" (SANTOS, 1996:63).

Hoje, o entendimento desta totalidade, em uma eterna totalização (SARTRE) faz com que apreendamos o Espaço Geográfico como uma abstração, que se concretiza nos recortes analíticos da Geografia. O Geógrafo articula categorias analíticas - Território, Lugar, Paisagem e Região - para hierarquizar sua análise e compreender o mundo. É o que Milton Santos dizia

¹ Uma ontologia é teoria do que existe. Dizer que alguma coisa tem status ontológico é dizer que existe. HARVEY, David. "A justiça Social e a Cidade". São Paulo, HUCITEC, 1980.

sobre o processo de fragmentação e totalização da análise para permitir a relação contraditória entre o total e particular, teorizando assim sobre o mundo. Aqui pretendemos verificar melhor essa relação entre o específico e o geral, entender o lugar como a concretude dos eventos.

Essa monografia tem como objetivo refletir sobre o que é o lugar, e sua relação com o Mundo, é um primeiro momento de assumir o método e a partir daí desnaturalizar a existência como se fosse adquirida por qualquer essência anterior. Revelar ao mundo sua constante transformação, e personificar quem, atualmente, tem o poder para tal direcionamento, entender o que é a intenção.

Assim, nesse momento de concretização das inquietações, foi apreendido em uma totalidade o conceito de lugar, revelado no primeiro capítulo. Temos aqui uma busca, inspirados em alguns geógrafos, para definir o que seja a especialização dos lugares no atual período e o que são as especificidades dos lugares.

No segundo capítulo, deparamos com uma formadora situação, a produção de café no Brasil, que caracterizou a atual formação sócio-espacial brasileira, o que nos levou a refletir sobre o processo de consolidação do café, do mundo ao Brasil, para tal fizemos uma breve periodização. Ainda neste capítulo contamos sobre o momento de auge da produção de café no estado de São Paulo, e suas implicações no território paulista. Chegando ao atual período técnico-científico e informacional. E como se constitui a produção de café na atualidade, considerando todos os imperativos da Globalização.

O café dinamiza até hoje muitas cidades do território paulista, assim, chega-se a uma região que tem importante tradição na produção de café de qualidade, a região da mogiana, em especial a cidade de Espírito Santo do Pinhal, ao qual dedicaremos a conhecer no terceiro capítulo, num primeiro

momento constituindo a história de Pinhal e trazendo elementos do processo que demonstrem as especificidades do lugar e sua especialização funcional, por muito, tida pelo complexo cafeeiro.

No quarto capítulo, trouxemos como concreção da realidade, que hoje impera entre o lugar e o mundo, a existência de uma empresa com uma simples tipologia, porém com uma abrangência significativa no mundo. Esse capítulo é uma tentativa difícil de empiricizar a realidade. Para isso, foi feito através de vasta pesquisa, uma tipologia da empresa, para primeiro entender seu funcionamento e depois nos direcionarmos para uma reflexão entre a empresa e o lugar, a contraposição entre especificidades e especializações funcionais.

Convidamos o leitor a acompanhar essa reflexão, que tem como única ambição tentar trazer elementos novos para o entendimento da realidade Brasileira, pelo entendimento da própria existência.

1

O CONCEITO DE LUGAR NA GEOGRAFIA

1.1 O Lugar: Suas Especificidades e as Especializações Funcionais

Definir o lugar como um conjunto estruturado de ações e objetos internamente imbricados, assim potencializando a totalidade em sua essencialidade (Kahil, Samira P., 1998), é assumir a relação indissociável deste período do Lugar com o Mundo. *"O lugar no mundo não pode ser visto como um fato isolado, mas através dele podemos visar a um estado do mundo, portanto algo de abstrato, parcialmente criado por nossa proposição que busca concordar com os fatos e com o estado do mundo"* (KAHIL, 1998). É no lugar que encontramos as propensões e possibilidades de realização e concreção do Mundo.

Logo relacionamos a idéia descrita acima com a Geografia, o que é o lugar para a Geografia? Assumimos a contribuição de Milton Santos para tanto: *"O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contacto com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado. (...) a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente dos projetos dos atores*

hegemônicos. É esse o grande papel do lugar na produção da História e apontá-lo é a grande tarefa dos Geógrafos neste fim de século" (SANTOS, 1994).

Complementando as idéias acima, Marcio Cataia sugere a atenção para o lugar através das suas identidades (as peculiaridades) para que não se perca a análise em uma unidade homogênea do mundo, *"o lugar pode ser definido de dentro, a partir do interior dele próprio, por causa de sua identidade, de sua solidariedade. O local, inclusive, pode ser definido de fora: é aquele que não possui um caráter próprio, mas está ligado àqueles que o visitam e àqueles que são visitados (...) O lugar engloba locais, não podendo as realidades locais ser compreendidas fora da macro ordem do lugar" (CATAIA, 2001: 208)*

O conceito de lugar na Geografia revelou inúmeras interpretações, tendo em seu emprego a conotação e compreensão da existência, da coexistência, da co-presença, da solidariedade, da seletividade, do acontecer solidário, da dimensão do cotidiano, do singular e do subjetivo. *"O lugar, de maneira geral é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível. Mas um espaço orientado, um espaço de orientação, que permite responder a pergunta: Onde estamos? Enfim, é um espaço que dá lugar ao sentido, ao bom senso, ao pensamento sensato. Um lugar se abre para outros lugares e o lugar de todos os lugares, o lugar comum, este é o mundo. É tênue a diferença, portanto, entre lugar e Mundo (SOUZA, 1997a:8).* Além das citadas interpretações sobre o lugar, seu emprego alerta às desigualdades vivenciadas. Maria Adélia de Souza aponta que é nessa esfera que se dão as contradições do mundo, *os lugares parecem revelar todas as contradições do mundo: nos lugares esse mundo se revela cruel, perverso, tornando o cotidiano de cada um quase uma fatalidade" (SOUZA, 1997a: 2).* Nesse apontamento a Geógrafa claramente ensina sobre

essa contradição e sua revelação na compreensão do lugar, sendo realmente seu valor objetivo, o valor do conhecimento para uma outra possibilidade.

Com esses esclarecimentos pode-se começar a desvendar o lugar como "nó" ou nós da complexidade do mundo atual. Para compreender o mundo, a falácia da globalização - um novo período, um reconhecimento do processo, uma periodização sobre técnica e ação, a relação própria entre o lugar e o mundo - as desigualdades, os diversos usos dos territórios, é preciso ter claro o que são as especificidades dos lugares, suas diversas densidades e solidariedades. O lugar conforma e permite a concretização e aprofundamento da divisão técnica, social e territorial do trabalho; também a especialização funcional profunda dos lugares para atender exigências de produção e circulação do modo-de-produção capitalista. Milton Santos nos elucida sobre este momento histórico em que a divisão do trabalho se dá nos lugares e estes oferecem as possibilidades desta compartimentação. E não se deve esquecer que a singularidade está intrinsecamente associada, hoje, com essa compartimentação dos lugares. *"No lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições - cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade"*(SANTOS, 1996:258).

Este ponto explicita a relação dada nos lugares entre racionalidades e contra-racionalidades, racionalidades como imposições hegemônicas aos lugares e as contra-racionalidades como a resistência a essas imposições. *"Globais, os lugares ganham um quinhão (maior ou menor) da "racionalidade" do "mundo". Mas esta se propaga de modo heterogêneo, isto é, deixando coexistirem outras racionalidades, isto é, contra-racionalidades, a que equivocadamente e do ponto de vista da racionalidade dominante, se chamam "irracionalidades". Mas a conformidade com a Razão Hegemônica é limitada, enquanto a produção plural de "irracionalidades" é ilimitada. É somente a partir de tais irracionalidades que é possível a ampliação da consciência"* (SANTOS, 2000: 114-115). Esse emaranhado entre o que seja uma imposição racional e a revanche que é tida como "irracional" foi denotado por uma "esquizofrenia" no lugar. Tal *esquizofrenia* citada por Milton Santos constitui-se a partir da singularidade das pessoas, mas também das instituições, firmas e grupos, que realizam o mundo ao seu interesse.

↳ Vemos, então, a seleção perversa que os lugares estão sujeitos, as novas realidades do mundo se impondo aos lugares, afetando a existência (de forma mais subjetiva e objetiva que encontramos). *"Importam-se empresas e exportam-se lugares. Impõe-se de fora do país o que deve ser a produção, a circulação e a distribuição dentro do país, anarquizando a divisão interna do trabalho como o reforço de uma divisão internacional do trabalho que determina como e o que produzir e exportar, de modo a manter desigualmente repartidos, na escala planetária, a produção, o emprego, a mais valia, o poder econômico e político. Escolhem-se, também, pela mesma via, os lugares que devem ser objeto de ocupação privilegiada e de valorização, isto é, de exportação"* (SANTOS, 1999a).

→ Os lugares são ligados e conectados pela informação (embutido todo o avanço técnico), consolidando e impondo uma especialização funcional nos lugares, um aprofundamento da divisão territorial do trabalho. A especificidade dos lugares se apresenta como as diferenças de salário mínimo, força de trabalho, distinta alienação do trabalho, forças sindicais, mas também incentivos fiscais, distintas materialidades territoriais, distintas relações sociais, distintas formações sócio-espaciais. O mercado está se valendo das distinções para perpetuar a lógica produtiva deste período. Já que os lugares têm uma produtividade distinta há uma especificidade distinta reproduzindo o capital pela seletividade dos lugares. Sobre os fundamentos da divisão do trabalho e sua relação com o lugar, Karl Marx em seu momento histórico alertava para o início desta seleção: *"A divisão territorial do trabalho, que confina ramos particulares de produção em distritos particulares de um país, recebe novo impulso na empresa manufatureira, a qual explora todas as particularidades"* (MARX in CASTILLO et al 1997: 75).

Os Geógrafos vão mais adiante com esta reflexão, pois o mundo atual é outro, o capitalismo se revê aceleradamente, e assim a necessidade de revisão dos conceitos é fundamental. Cada momento redefine o valor, o sentido e o papel do elemento na nova totalidade. Não só mais a empresa manufatureira explora as particularidades, como escreveu Marx, mas todo e qualquer hegemônica instituição globalizada e detentora das possibilidades do mundo tecnificado e informacionalizado selecionam e impõem lógicas adversas aos lugares. *"Uma tal complexidade vem do aperfeiçoamento da divisão técnica e social do trabalho e da mundialização das relações. E, a esta situação soma-se a atual unicidade técnica planetária, que possibilita a chamada globalização da economia e uma nova etapa da divisão sócio-territorial do trabalho. Esta*

provoca um aprofundamento da especialização dos lugares" (CASTILLO et al 1997: 75).

Ao mesmo tempo em que há uma especialização funcional dos lugares, com a globalização e as novas possibilidades dadas, ocorre também uma imposição de unicidade das técnicas, significando que as culturas específicas somam-se a uma cultura de massa, com o avanço do capitalismo e seu novo modo-de-produção, esse mosaico técnico começa a convergir, ocorrendo uma padronização das técnicas, o que permite a concretização da globalização, da imposição de racionalidades adversas aos lugares e de interesses adversos ao lugar. Para melhor entender esse processo deve se considerar a análise que Milton Santos faz sobre as novas densidades nos lugares.

O aprofundamento da divisão territorial do trabalho e a seletividade espacial sensível aos lugares só são possíveis diante das densidades técnica, informacional e comunicacional que se encontram de forma particularizadas nos diversos lugares. *"Os lugares, pois, se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja fusão os caracteriza e distingue"*. (SANTOS, 1994). Essas densidades estão intrinsecamente associadas, mas são distintas. Para Milton Santos a densidade técnica é dada pelos diversos graus de artifício de um lugar, chamado por SIMONDON de *objeto técnico maduro*, ultrapassando a perfeição da natureza e subjugados as necessidades dos que o criaram. A densidade informacional seria uma derivação da técnica, é a ação com a informação destes objetos técnicos. *"A densidade informacional nos informa sobre os graus de exterioridade do lugar, sua propensão a entrar em relação com outros lugares e a efetivação dessa propensão, privilegiando setores e atores"* (SANTOS, 1994). E a densidade comunicacional seria o tempo plural do

cotidiano partilhado e conflitual da co-presença. *"As relações informacionais são verticais, as relações comunicacionais são uma resultante do meio social ambiente. As primeiras são mais dependentes da tecnoesfera, as segundas os são mais da psicoesfera. (...) De todo modo, e nas condições atuais, as relações informacionais transportam com elas o reino da necessidade, enquanto as relações comunicacionais podem apontar o reino da liberdade"* (idem, 1994).

Essa idéia das densidades dos lugares nos traz à tona outro elemento importante de análise do lugar e do mundo, as solidariedades orgânica, organizacional e institucional que unem às densidades técnicas, informacionais e comunicacionais uma maior familiaridade política no seu tratamento.

"Relaciona-se, assim, a solidariedade orgânica a uma ordem local, com base numa interação estabelecida pelos objetos contíguos de um sub-espço. A solidariedade organizacional corresponde um sistema de objetos esparsos, obedientes à lei de acumulação global, viabilizado pela informação. O lugar é assim o resultante do embate entre proximidade espacial e proximidade organizacional (...) é também verdade que a solidariedade institucional pode servir como um fiel da balança que ora aproxima-se mais e soma esforços com a solidariedade orgânica, ora tende a reforçar os vetores oriundos dos interesses globais, sustentando a solidariedade organizacional". (CASTILLO et al 1997: 79-80). Análise que assume um significado de interdependência e complementaridade entre a sociedade e o modo-de-produção capitalista.

Todo esse legado para a compreensão do que venha a ser o lugar frente ao mundo, por essa ótica da seletividade, do uso específico, das densidades e das solidariedades está muito bem sintetizado neste trecho de Milton Santos,

"(...) se o mundo tornou possível, com as técnicas contemporâneas, multiplicar a produtividade, somente o faz porque os lugares, conhecidos em sua realidade

material e política, distinguem-se exatamente pela diferente capacidade de oferecer às empresas produtividade maior ou menor. É como se o chão, por meio das técnicas e das decisões políticas que incorpora, constituísse um verdadeiro depósito de fluxo de mais-valia, transferindo valor às firmas nele sediadas. A produtividade e a competitividade deixam de ser definidas devido apenas à estrutura interna de cada corporação e passam, também, a ser um atributo dos lugares. E cada lugar entra na contabilidade das empresas em diferente valor” (SANTOS, 1999a).

Outro ponto a se destacar, ainda que timidamente, é que toda essa dialética nos lugares, a racionalidade enviesada e a resposta da contra-racionalidade, congrega a idéia da dimensão do cotidiano - ainda que um conceito acanhado pela sua complexidade e jovialidade na Geografia - que encontramos a esperança de novas possibilidades para todos (dimensão das contra-racionalidades): *“O mundo do cotidiano é também o da produção ilimitada de outras racionalidades, que são, aliás, tão diversas quanto as áreas consideradas, já que abrigam todas as modalidades da existência” (SANTOS, 2000: 126-127).* Essa dimensão merece devido cuidado pela peculiaridade que ela pode revelar sobre os eventos, Milton Santos instiga trazendo essa prerrogativa para a análise, porém apenas lança o conceito para que possamos desenvolver e pensar com esperança sobre a existência.

Nasce com essas propostas o questionamento sobre as formas técnicas dos objetos e ações, reveladas ou não nas paisagens, e as finalidades que as presidem, comandam a vida em todo o mundo, em todos os lugares.

1.2 A Relação Lugar/Mundo: Fundamento da Especialização Funcional

Em um mundo dito "globalizado", urge a compreensão do lugar, um conceito importantíssimo por ser a manifestação do global e por devolver ao mundo tais manifestações. *"Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. Ou como afirma Maria Adélia de Souza "todos os lugares são virtualmente mundiais". Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais. A uma maior globalidade, corresponde uma maior individualidade"*(SANTOS, 1996: 252).

O Mundo é um processo cuja essência expressa uma formação sócio-espacial. *"A noção de formação sócio-espacial, como categoria da realidade e como categoria analítica, concerne à evolução diferencial das sociedades - em seu próprio quadro e em relação com forças externas das quais freqüentemente lhe vem o impulso motor"*(SANTOS, 1978: 191-202).

➡ Vivemos atualmente em um período em que a técnica, a ciência, a informação e a comunicação são dados constitutivos da realidade, caracterizando a passagem do mundo de probabilidades para o mundo de possibilidades. *"Por essa razão atribuímos tanta importância ao fenômeno da técnica na interpretação de lugares. Nesse sentido, o lugar é o lugar de uma escolha...O mundo está aí e o lugar colhe no mundo atributos que o realizam histórica e geograficamente. É o mundo que se dá seletivamente no lugar"*(SANTOS, 1999: 22). Em nenhum outro momento da história a relação do mundo e do lugar esteve tão profunda, e nesse sentido a metáfora globalização torna-se real, seletiva, perversa e dialeticamente contendo um novo caminho, a possibilidade de repensar o mundo.

Tal fenômeno técnico é força motriz e explicativa da existência do mundo no Lugar. *"O vigor da produção técnica e a veemência das realidades locais determinam uma outra configuração e interações regionais que, de um lado criam horizontalidades no cotidiano de todos (indivíduos, coletividades, firmas instituições), de outro criam verticalidades, por serem uma interação hegemonicamente regulada das relações desses lugares com outras áreas e pontos distantes"* (KAHIL, 1998: 49). É por essa diversificação e heterogeneidade ocorrendo nos lugares, que é possível a essência do global. Assim, como uma estrutura em processo de transformação e totalização, o espaço geográfico ganha significação, à medida que identificamos no lugar a forma-conteúdo de sua manifestação, descobrindo suas especificidades.

Filosoficamente, através do existencialismo de Sartre, a existência precede a essência, nada mais é o que Milton Santos chama a atenção entre o Lugar e o Mundo. *"O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, nos restituiu o Mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar estamos condenados a conhecer o Mundo, pelo que ele já é, mas também, pelo que ainda não é"* (SANTOS, 1994).

Então perder a relação entre o Lugar e o Mundo é dedicar-se a uma análise preconceituosa e limitada da existência, Samira Kahil adverte: *"Notamos que a análise do lugar formado por componentes distintos (objetos e ações), ligados entre si por um certo número de relações (síntese dialética entre objetos e ações transformados pela própria sociedade), evita o ofuscamento reducionista (que só vê os elementos constitutivos) e o ofuscamento holista (que só vê o todo), para revelar a humanidade e o planeta*

na sua unidade, não só física e biofísica, mas também histórica” (KAHIL, 1998: 51).

A Geografia oferece a oportunidade de trabalhar com um conceito, o lugar, que com toda a propriedade faz com que se reflita sobre a realidade que tange a todos, apresentando o Mundo. A existência permitindo uma busca de essência. Desnaturalizando os eventos e interrompendo com a falácia da condição natural da vida. É o conhecimento do processo da condição humana.

2

O CAFÉ COMO PROCESSO NA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL BRASILEIRA

2.1 O Café: Do Mundo ao Brasil

A história do café é evento ímpar na formação sócio-espacial brasileira, passado importante para a compreensão da dinâmica do café atualmente e entender as especializações e o uso das especificidades dos lugares.

O café² origina-se na região do antigo Reino da Abissínia, à margem do Mar Vermelho, se disseminando mais tarde pela Arábia, onde sua comercialização tem início.

Possivelmente os Árabes já tomavam café no século XV. Na península Arábica, ponto de difusão do café e de sua planta, a agricultura e o comércio se desenvolveram e se espalharam rapidamente pelo Egito, Síria, Turquia e todo o Oriente. A concretização do café na Europa ocorreu em 1592, devido ao comércio com o Oriente, admite-se também que na Europa Ocidental, no fim do século XVI, principalmente em Veneza, já se tinha conhecimento de sua bebida. No início do século XVII, os navios da Companhia das Índias Orientais já faziam o transporte de imensa quantidade de Café entre os países do Oriente

² A palavra café tem origem no termo turco Kahué, que significa força (ORMOND & de PAULA & FAVERET FILHO, 1999)

e da Europa. Os Holandeses tiveram papel preponderante na disseminação do café como bebida por toda a Europa setentrional e central³.

No século XVI a Europa coloniza as Américas, mas só no início do século XVIII há interesse no plantio de café como parte da exploração da agricultura das Américas. Nesse momento o café tornou-se um produto importante nos mercados internacionais dos países do ocidente, direcionando, assim, a sua produção nas colônias européias da América, principalmente na América Central.

O café desde o século XVIII fora introduzido no Brasil, mas para fins de consumo local. Assume pequena importância comercial no fim do século XVIII⁴, quando ocorre a alta de preços do significativo território produtor que era a colônia francesa do Haiti. Neste momento a pauta de exportações brasileiras ainda era dominada pela cana-de-açúcar, algodão e a exploração de minas de ouro, tendo o colonato como modo-de-produção imposto ao território.

A devida importância do Café no Brasil surge em um momento de estagnação econômica, no fim do século XIX, momento de crise sócio-espacial na produção da cana - período em que o Nordeste, grande produtor de cana, se desestrutura com a concorrência dos Estados Unidos com a produção de açúcar extraída da beterraba (produção com maior lucro) - e crise do ciclo do ouro em Minas Gerais, o momento também revela a política da Inglaterra de transferência do trabalho escravo para o assalariado, impondo às colônias essa nova política⁵.

³ Relatado na pesquisa de José Ormond, Sérgio de Paula e Paulo Faveret Filho.

⁴ "(...) O café foi introduzido no Brasil em 1727 por Francisco Mello Palheta trazido de sua visita à Guiana Francesa. As primeiras sementes e mudas foram plantadas em Belém (Pará) e em seguida no Maranhão. Em 1760 vieram do Maranhão para o Rio de Janeiro, expandindo-se pela encosta da Serra do Mar e atingindo em 1780 o vale do Paraíba". (ORMOND: 7).

⁵ Ver sobre esse assunto: FURTADO, Celso. "A Formação Econômica do Brasil", 1987.

A produção de café beneficia os produtores, pois os preços se recuperam amplamente, enquanto os de açúcar permanecem deprimidos, criando-se uma forte pressão no sentido da transferência da força de trabalho do norte para o sul do país.

No território brasileiro muitos lugares tiveram experiências com a cafeicultura, no entanto o sucesso delas dependeu das políticas adotadas em cada lugar, da aceitação da força de trabalho assalariado, da infra-estrutura para o escoamento da produção, e de fatores físicos distintos de cada região. Considera-se dois períodos relevantes no auge do complexo produtivo do Café (meados do século XIX até meados do século XX): Primeiro período do café destaca-se a região da capital brasileira (Rio de Janeiro), se valendo da terra, da proximidade do porto para escoamento da produção e do que restava do trabalho escravo (abrir mão desta condição seria não obter os lucros para a manutenção desta posição). Em 1888, com a total abolição da escravatura, o Rio de Janeiro perde sua posição de maior produtor e exportador de café. No segundo momento, e o que nos interessa, é o apogeu da cultura do café no estado de São Paulo e as imensas conseqüências na formação do território paulista, no Brasil e no mundo. Momento intrínseco na preparação do território através da construção de estradas de ferro para a fluidez da produção cafeeira e também importante momento da imigração européia, caracterizando um novo modo-de-produção brasileiro. Estava nesse período avolumando-se novas características ao território direcionadas por políticas principalmente lideradas pelos cafeicultores do sudeste do país, o que fica claro na afirmativa de FURTADO (1987: 116): *"Ao concluir-se o terceiro quartel do século XIX os termos do problema econômico brasileiro se haviam modificado basicamente. Surgira o produto que permitiria ao país reintegrar-se nas correntes em*

Períodos

expansão do comércio mundial; concluída sua etapa de gestão, a economia cafeeira encontrava-se em condições de autofinanciar sua extraordinária expansão subsequente; estavam formados os quadros da nova classe dirigente que lideraria a grande expansão cafeeira”, referindo-se nesse momento aos Barões do Café em São Paulo e no Rio de Janeiro.

➡ A nova classe dirigente formou-se numa luta que se estende em uma frente ampla, com o apoio não apenas de densidades técnicas físicas, mas também de decisões políticas e normas sobre os lugares, citadas por FURTADO: aquisição de terras, recrutamento de força de trabalho, organização e direção da produção, transporte interno, comercialização nos portos, contatos oficiais, interferência na política financeira e econômica.

Uma das políticas públicas que todo esse circuito espacial abrigou foi à manutenção do preço do café, além do controle dos estoques mediados por incentivos estatais, que valorizavam o preço para os cafeicultores⁶.

Percebemos nesse recorte temporal a formação sócio-espacial contraditoriamente se especificando, e os usos explodindo.

⁶ “Os estoques de café, que se avolumam ano a ano, pesam sobre os preços, provocando uma perda permanente de renda para os produtores e para o país. A idéia de retirar do mercado parte desses estoques amadurece cedo no espírito dos dirigentes dos estados cafeeiros, cujo poder político e financeiro fora amplamente acrescido pela descentralização republicana. No convênio, celebrado em Taubaté em fevereiro de 1906, definem-se as bases do que se chamaria política de “valorização” do produto”. (FURTADO, 1987:178-179).

2.2 O Circuito Espacial do Café em São Paulo

São Paulo⁷ é o marco na especialização funcional dos lugares no atendimento de certas necessidades, sejam elas de interesses internos ou externos aos lugares. A especialização que se inicia no fim do século XIX, tem com certos lugares do território paulista⁸ maior intimidade advinda das peculiaridades de cada lugar. O sucesso do café em alguns lugares do estado de São Paulo se pautou na seletividade espacial exigida para a produção, conformando no fim do século XIX um complexo circuito espacial do café.

As especificidades comuns dos lugares que abrigaram o circuito e suas novas especializações foram ressaltadas similarmente por clássicos autores⁹ que reconstituíram o advento do café em São Paulo. Todos consideraram o favorecimento da produção por localizar em regiões muito férteis, a certa proximidade com o Porto de Santos, as infra-estruturas ferroviárias¹⁰ e marítimas, a política de imigração européia para as regiões cafeeiras, a adaptação contundente do trabalho assalariado¹¹, abertura para a inovação nas técnicas de plantio, etc. Ressaltando a peculiaridade deste circuito, ARAÚJO

⁷ Após 1860, São Paulo se torna o principal centro produtor de café do país (CANO: 1985).

⁸ Oeste paulista englobando também o sul de Minas Gerais e o Norte do Paraná.

⁹ Autores como o economista Celso Furtado, o geógrafo J.R. Araújo Filho, o economista Wilson Cano, Pierre Monbeig, entre outros já citados.

¹⁰ Até 1870 a principal forma de transporte das regiões de produção mais afastadas dos portos era o manuseio de um animal, geralmente o burro, resistente em todo o ciclo do ouro. Mas aumentando as distâncias esse meio de escoar a produção não dava mais conta e encarecia. O que impulsionou o trato de ferrovias pelo estado de São Paul.

¹¹ "A partir de 1870, nas zonas recém abertas pela lavoura cafeeira em terras de São Paulo, no seu já então chamado "oeste" (trechos dos planaltos sedimentares), os seus colegas paulistas tinham já percebido as vantagens do braço assalariado sobre o braço escravo (...) Assim São Paulo, no final do século XIX, foi o 'colonato': (...) eles recebiam no contrato anual feito com o patrão, além de uma determinada quantia de dinheiro, de acordo com o número de pés de cafés tratados, uma certa quantidade de terra arável para suas culturas de subsistência, inclusive pastos para seus animais". (ARAÚJO FILHO, 1975: 64))

FILHO (1975): *"Além do espírito empreendedor do fazendeiro de café, que no passado ou no presente, deve sempre ser levado em conta, destacam-se como cooperadores das vantagens oferecidas pela natureza, a facilidade da mão-de-obra cafeeira, a posição geográfica das áreas, os meios de transporte, os mercados de consumo"*. Ou ainda, Wilson CANO (1985) afirma: *"As terras então penetradas não era apenas mais férteis. Sua oferta era ampla, sua topografia melhor. Isto permitiu, inclusive melhorias técnicas nessa cultura, com a introdução do arado e da máquina carpidreira"*. Melhor fertilidade do solo, idade mais nova do cafezal e técnica mais avançada resultaram em lucros crescentes para a cafeicultura. A produção do Oeste paulista crescia a custos decrescentes.

Com a introdução da ferrovia não só solucionou o problema da distância (tempo e custo), como também se converteu a ferrovia em verdadeira desbravadora de terras¹² (Veja no ANEXO 1 os mapas de expansão das ferrovias no Estado de São Paulo).

De fato, tanto as propriedades cafeeiras da região citada (Oeste paulista e seus arredores) quanto a circulação dos produtos para os portos de exportação (Santos e Paranaguá), onde se encontram as firmas que comercializam o café, são paulistas. Então, todo o interior paulista se valeu, por mais de meio século, como área principal do café no Brasil (1890-1950). *"O povoamento e a organização do seu espaço nos planaltos interiores, bem como a*

¹² AMPLIAÇÃO DA FERROVIA NO ESTADO DE SÃO PAULO

1867 - a ferrovia atingia Jundiaí, ligando-a a Santos

1872 - chegava a Campinas

1875 - a Mogi-Mirim e a Amparo

1883 - a Ribeirão Preto.

construção do seu porto e o crescimento vertiginoso da sua capital, refletem, neste século, a contribuição que a lavoura cafeeira trouxe como principal responsável pela humanização da paisagem, neste trecho do território brasileiro". (ARAÚJO FILHO, 1975: 58-59).

Fica registrada nesta análise a peculiaridade que São Paulo foi tomando por conta da produção do café e as políticas adotadas. Alertamos também para a política de ocupação do estado paulista e para a integração do mesmo.

Nesse momento o estado de São Paulo é pioneiro na tímida mecanização da produção cafeeira, o que mais adiante explica a expulsão de trabalhadores para as grandes cidades em busca de emprego. Assim, a introdução da máquina de beneficiamento na cafeicultura paulista, além de diminuir o trabalho humano, reduziu os custos, aumentou sua produtividade e os lucros, possibilitando a esta uma crescente dinâmica de acumulação (CANO, 1985:14).

Com todas essas possibilidades concretizadas em diversos lugares no estado de São Paulo, há um alargamento dos *círculos de cooperação*, muito bem retratados por Wilson Cano: *"A realização de sua produção ensejou o surgimento de muitas atividades dinâmicas: a ferrovia, o porto, estradas, construção civil, indústria, bancos, comércio etc., que eram nucleados pelo café. Eram, portanto, os seguimentos secundários do complexo. (...) Assim, o capital cafeeiro teve fôlego bastante para empreender a parte maior do seu parque ferroviário. Fez surgir importantes bancos nacionais que entre a Primeira Guerra e o final da década de 1920 sobrepujaram largamente os bancos estrangeiros sediados em São Paulo. (...) Já durante a primeira década deste século, São Paulo produzia internamente os alimentos simples que antes importava"* (CANO, 1985:16).

A chamada *Agricultura Mercantil*, por Wilson Cano, produtora de alimentos e de matérias-primas, criava mercados urbanos que davam extensão à manutenção da agricultura cafeeira. Os mercados urbanos mencionados tratam do começo da industrialização (que terá seu auge no declínio da produção cafeeira de São Paulo) e o início do novo modo-de-produção denominado *Urbano* (SOUZA, Maria Adélia A.).

Devido ao descompasso da oferta e da demanda internacional, houve queda dos preços, com a grave crise de 1897-1905, ainda respaldada pela defesa do estado, tanto do federal quanto do estadual, exemplo de políticas de "valorização" do preço do café. Mas a partir 1927, o Estado não implementou nenhuma política de sustentação de preço e assim, a produção no estado de São Paulo conhece a decadência: *"O aumento das safras acumulando estoque invendáveis, e o azar de duas super-safras em 1927/28 e em 1929/30 fizeram ruir a política de sustentação, pouco antes da eclosão da crise internacional de 1929. Com ela ruía a "hegemonia" cafeeira, e o país sofreria substancial transformação em seu padrão de acumulação e sua dinâmica de desenvolvimento"* (CANO, 1985: 15). Nesse momento observa-se a ascensão da industrialização no Estado de São Paulo. Minas Gerais e Espírito Santo mantêm destaque no total da produção e exportação de café no Brasil.

Porém, até 1976 e também atualmente a importância de alguns lugares na produção de café ainda é relevante em São Paulo. *"Dentro da conjuntura cafeeira do sudeste Brasileiro, nos últimos dez anos, o estado de São Paulo continua a liderar a movimentação do produto, desde as áreas de produção até os portos exportadores, em função de uma infra-estrutura, que se criou na chamada região paulista (incluindo o norte do Paraná e sul de Minas), onde a rede de fluidez terrestre (ferrovias e rodovias), a estrutura urbana com suas*

máquinas de benefícios, armazéns e algumas indústrias de transformação (café solúvel), a rede portuária (Santos e Paranaguá) e as grandes firmas que comercializam o produto, constituem provas, as mais evidentes. (...) O retorno do café para algumas das "velhas" áreas passou a se fazer com mais evidência; casos expressivos da zona da Mogiana, em São Paulo, e do sul de Minas" (ARAÚJO FILHO, 1975: 61).

2.3 Período Técnico-Científico Informacional e Comunicacional: O Complexo Cafeeiro Atual

O presente momento, em que o meio geográfico revela-se por uma trama híbrida de sistemas de objetos (as densidades técnicas e normativas), com uma carga intensa de ciência (no aperfeiçoamento tecnológico), e com a informação e a comunicação como *essência* na detenção do poder (antecedendo a existência); tem-se a necessidade de repensar sobre as novas especializações funcionais e especificidades que o lugar abriga e as formas-conteúdos que se dispõe ao mundo.

O café no Brasil viveu durante quase um século em crescimento, como maior produtor e exportador de café no Mundo, porém com as crises que a produção brasileira sofreu, houve um redirecionamento da produção em novas áreas que acompanharam as novas exigências de concorrência com outros países produtores¹³. Minas Gerais e Espírito Santo tiveram maiores

¹³ ARAÚJO FILHO afirma que a crise do café no Brasil também tem como elemento a "Concorrência cada vez maior de outras áreas de produção, tanto em terras da América Latina, quanto nas da África, e particularmente; as crises de superprodução porque passou a lavoura cafeeira brasileira, nesses últimos quarenta anos (1930-1945 e 1958-1970)".

possibilidades de garantir o novo, através da busca intensa por um maior cuidado técnico com todo o processo de produção, conquistando o estatuto de qualidade que havia se perdido na produção cafeeira brasileira, principalmente em São Paulo (com importante exceção na região da Mogiana, divisa com o sul de Minas Gerais). O Brasil teria que trazer em sua reconquista de mercado o fator fundamental do período: o maior conhecimento, investimento em tecnologia e ciência em todo o processo da produção, a informação e comunicação como poder de *marketing*, e a busca de sobreviver na agricultura de *commodities*. Também nesse período a pressão dos cafeicultores por políticas auxiliares à produção, remeteu o desdobramento das políticas normativas que redesenharam o nosso maior produto agrícola de exportação. Em 1933 foi criado o Departamento Nacional do Café, controlando o setor até sua extinção em 1946. Em 1952 foi criado Instituto Brasileiro do Café (IBC), que era que agora definia as políticas para o setor, controlando e coordenando desde a produção à comercialização interna e externa. *"O IBC dava assistência técnica e econômica à cafeicultura e ao seu beneficiamento, controlava a sua comercialização (...), elaborava estudos e pesquisas (...) e executava a política econômica traçada pelo Conselho Monetário Nacional, foi extinto em 1990".* *"Nesse momento a indefinição sobre a política cafeeira criou uma situação paradoxal: dona de um patrimônio invejável e ao mesmo tempo sem recurso, a cafeicultura nacional, no início dos anos 90, estava diante de uma profunda crise e um endividamento crescente".* (ORMOND et al, 1999: 9) O patrimônio a que faz referência o autor é o FUNCAFÉ, fundo sustentado por recursos provenientes de cotas de contribuição sobre exportações do café. Com o fim do IBC, que organizava o uso deste fundo na implementação de políticas no benefício do complexo cafeeiro, o fundo extraviou provisoriamente para o

Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT). Em 1991 cria-se o Comitê Brasileiro de Café (CBC), responsável por congrega a lavoura, a indústria de maquinário e solúvel e o comércio. Em 1996, cria-se o Conselho Deliberativo de Política Cafeeira (CDPC), uma etapa apurada do CBC, controlando o FUNCAFÉ e definir as políticas para todos os segmentos (idem, 1999: 9).

Particularmente em São Paulo, a crise da produção nas lavouras em vista da sua idade, dos seus maus tratos, das pragas esporádicas, das geadas e da política do IBC - erradicação dos cafezais anti-econômicos, traz uma forte imagem de produtor de café de baixa qualidade, o café de quantidade. Que acabou levando ao exterior essa imagem a toda produção de café no Brasil. *"Hoje o Brasil é conhecido como um exportador de quantidade e não de qualidade, recebendo preços mais baixos do que a média (...) uma das principais razões para a diminuição da inserção brasileira nesse mercado foi a campanha promocional desenvolvida pela Colômbia e por países da América Central sobre a qualidade do café que se produzem (...) Incitados pela perda de mercado, produtores brasileiros tomaram iniciativas para melhorar a qualidade do produto, investindo no sistema pós-colheita. Esse movimento resultou na difusão da seleção de cafés de qualidade superior"* (ibidem, 1999: 5). Período em que a comercialização de máquinas beneficiadoras tem o seu auge de vendas.

Nesse momento temos a importância da produção, da indústria de máquinas e da comercialização do café em Espírito Santo do Pinhal - S.P. (que agrega o discurso em suas práticas de qualidade no complexo de produção do café).

Esse movimento resultou na difusão da seleção de cafés de qualidade superior, baseados no *marketing* dos chamados "cafés gourmet", com uma

maior valorização do produto, valor agregado pelo marketing de bebida superior para consumidores com exigências "superiores". Tal processo desencadeou necessidades de participação em feiras e eventos promocionais internacionais para a atualização das inovações referente a todo o processo da obtenção da bebida. Atualmente, cresce o uso comercial deste *marketing*, através de casas especializadas em servir "cafezinhos" de alta qualidade, tornando este evento parte de uma *psicoesfera* (Milton Santos) que agrega maior valor aos produtos, o que torna crescente a demanda por um tipo de café tipo "A".

A partir da década de 90 o Estado incentiva políticas de maior consumo interno de café, também com o discurso da qualidade da bebida, e assim a situação de instabilidade remete há uma considerável superação da estagnação do consumo, diminuindo assim o excedente do produto. Com a relativa estabilidade da produção, com o rearranjo da qualidade, o Brasil e suas principais regiões produtoras, retomam o lugar de destaque na produção cafeeira mundial.

3

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL E AS SOLIDARIEDADES GERADAS PARA A PRODUÇÃO DE CAFÉ

3.1 O Passado que se faz Presente em Espírito Santo do Pinhal

Espírito Santo do Pinhal, município do estado de São Paulo, distante 150Km da capital paulista, localiza-se na região mogiana (ANEXO 2).

O município desenvolveu-se com a agricultura cafeeira, que foi o atrativo principal da relevante imigração italiana, da qual a existência está impregnada nas paisagens.

A história de Espírito Santo do Pinhal começa com a doação de terras na região da mogiana do fazendeiro Romualdo de Souza Brito. Em 1845, Brito havia adquirido a Fazenda Pinhal e decide que doaria 40 alqueires da propriedade para que lá se construísse uma capela. Deste evento as famílias, congregadas pela fundação de uma capela, pertencentes a essa região começam a configurar o que mais tarde seria o Território Pinhalense¹⁴.

¹⁴ Anterior a este evento, a história do território é ainda ligada aos indígenas caiapós, que ocupavam a região há séculos e que, a partir de 1700, caravanas de aventureiros começaram a desbravar a região, na procura de ouro e pedras preciosas dizimando essa população indígena. A região do atual município de Espírito Santo do Pinhal pertencia a uma sesmaria, que foi, em 1728, doada a Jorge Silva Nobre, que buscou colonizar a região. Pessoas vindas de Mogi das Cruzes e Bragança Paulista se assentaram e mineiros realizaram ocupações para a criação de gado, que, em geral, era vendido para o Rio de Janeiro.

Com a movimentação gerada pela iniciativa de Romualdo de Souza Brito e com a construção da capela, que marcou a formação do município, o povoado de Pinhal foi elevado à condição de capela curada em 1850. Nessa época, a região começa a apostar na cultura do café, que levou para lá um significativo número de escravos que no início da expansão cafeeira nesta região foi, junto aos imigrantes, responsável pela força de trabalho nas lavouras. A maior parte das famílias da região era de origem de migração italiana e também trabalhava arduamente, o que fez daquele território um dos principais focos produtores de café do Brasil. A região ficou marcada por ser uma das primeiras a registrar a libertação dos escravos, antes mesmo da abolição oficial, direcionando totalmente à mão-de-obra aos imigrantes. Essa decisão é importante pois aproxima o cultivo do café de uma atividade capitalista, e não mais mercantilista. Em 1877, Espírito Santo do Pinhal deixa de ser ligado a Moji Mirim e torna-se o mais novo município de São Paulo.

A formação sócio-espacial de Pinhal fica totalmente marcada pelo registro de imigrantes europeus, principalmente de Italianos, a produção de café caracteriza a dinâmica espacial em toda a história do município como principal economia. Em 1889, Espírito Santo do Pinhal integra-se ao mundo da produção cafeeira, com o advento férreo, participando de todo o complexo da estrada de ferro da qual faziam parte Campinas, Jundiaí, Santos, e a região mogiana¹⁵, iniciando a integração territorial paulista. Nesse momento a cidade de Pinhal é um dos principais lugares da importante produção de café do Estado de São Paulo, e do Brasil. O impulso de desenvolvimento começa a ocorrer neste momento, e a cidade começa a se especializar na função de

¹⁵ O ramal de Pinhal foi aberto em toda a sua extensão (37 quilômetros) em 1889, partindo da estação de Moji-Guaçu, no tronco da Mogiana, e chegando até a estação de Pinhal, em Espírito Santo do Pinhal, perto da divisa com Minas Gerais. Funcionou até 1961, quando foi extinto.

produção de café. Um café com características diferenciadas, devido às vantagens aproveitadas das características naturais e do meio artificial que se construía.

Mas, como em todo o território brasileiro, o café começou a perder força no município a partir de 1926, seguindo as crises das políticas nacionais, mundiais e até locais. Nesse período aumentou o êxodo rural e a cidade começou a apresentar uma característica de serviços, o que mais a frente destacaria a produção de Pinhal muito mais como beneficiadora de café, na indústria de máquinas agrícolas e na comercialização do produto final, principalmente para o exterior.

Espírito Santo do Pinhal mantém uma tradição ligada a todo o auge, decadência e sobrevivência do circuito de produção do café. Assim, torna-se um lugar com especificidades intrínsecas para a perpetuação de todo o processo do café e por tal motivo importantíssima a ser estudada.

3.2 A Especialização Funcional de Espírito Santo do Pinhal e suas Especificidades

Espírito Santo do Pinhal consolidou-se como parte constitutiva do circuito espacial do café¹⁶ conformando solidariedades específicas que atraíram uma diversificação de cooperação, o que nos fazem verificar em Pinhal desde a produção de grande qualidade do café (o chamado café de serra)¹⁷, como indústria de beneficiamento (cooperativa Coopinhal, por exemplo), indústria de máquinas agrícolas (Pinhalense, outro exemplo), empresas de comércio e exportação (Irmãos Ribeiro) e também armazéns de estocagem do café, favorecendo o manuseio de sua venda na instabilidade de preços.

Atualmente Espírito Santo do Pinhal tem cerca de 40.000 habitantes sendo que desta totalidade cerca de 6.335 são habitantes rurais e 31.756 são habitantes urbanos¹⁸, um município considerado administrativamente pequeno, mas que possui uma instantânea relação comercial com o mundo, que o aproxima das condições das grandes e médias cidades. Tendo, como já visto, o café como dinamizador da especialização funcional do lugar.

Situado em uma região montanhosa e com clima ideal para a cafeicultura, uma de suas especificidades, Pinhal sempre se destacou como origem preferencial dos chamados cafés finos (produção toda voltada para a

¹⁶ Atentos a essa hipótese temos a confirmação da importância de Espírito Santo do Pinhal no circuito espacial do café descrito por Samuel Frederico (2002), em sua monografia: "O circuito espacial produtivo do café e competitividade territorial no Brasil".

¹⁷ Pinhal tem hoje mais de 250 propriedades dedicadas ao cultivo do café.

¹⁸ Fonte: IBGE - Censo Demográfico de 1998.

exportação), que são procurados pelos importadores mais exigentes. O que impõe uma maior seletividade de produtores neste território. O comércio de café, que a princípio se desenvolveu para comercializar as crescentes safras locais, logo direcionou Pinhal na comercialização da produção do café, instalando assim escritórios comerciais de exportação. A cidade atualmente conta com 7 armazéns especializados, estrutura indispensável para as cotações do café e o ajuste na comercialização. Segundo pesquisas da Pinhalense Máquinas Agrícolas S/A: *"Embora desde o início o município fosse grande produtor de cafés de alta qualidade, o passar dos tempos fez com que a cidade viesse a se destacar também como centro de comercialização de café, pólo produtor de equipamento para o processamento de café e centro de pesquisa cafeeira"*.

A relação estreita entre especificidades do lugar e as especializações funcionais impostas, dialética do mundo que impõe novas *racionalidades* ao lugar, mas que também devolve ao mundo as contra-racionalidades que fazem parte do cotidiano Pinhalense. As informações sobre as infra-estruturas, as densidades normativas, o uso, organização e regulação do território de Pinhal, são recortadas pela análise do lugar ou da totalidade, ou mesmo pelos elementos da paisagem, que manifestam as contradições e desigualdades do município.

A cidade Pinhalense tem como especificidades estruturais alguns interessantes conteúdos para essa nova racionalidade do complexo cafeeiro, como a sua proximidade com as grandes metrópoles de excelência em ciência, tecnologia, informação e comunicação, que é o caso de Campinas e a cidade de São Paulo, que também asseguram uma circulação material e imaterial à seus arredores, pelo complexo rodoviário desta região, aéreo (como o porto Seco de

Campinas e também todo o complexo aéreo portuário da Metrópole Paulista). Pinhal também abriga em seu território uma infra-estrutura comunicacional e informacional de ponta (como rede de fibra ótica). A seguir, apresentamos alguns elementos da infra-estrutura informacional de pinhal¹⁹:

- Telefônica, com sistema DDD e DDI digitais, com 5.000 linhas telefônicas em operação, contando com estação rádio-base de celular;
- Dois provedores de acesso à Internet, ambos com tecnologia de ponta e acesso via satélite, microondas e linhas digitais, a saber: UOL/Rantac e DGLNet²⁰.

O território Pinhalense possui ainda 08 agências bancárias (lembramos que o sistema financeiro possui importância ímpar na produção no atual período), aproximadamente 500 estabelecimentos comerciais, cerca de 130 indústrias, 250 propriedades agrícolas de grande e médio porte e mais de 900 propriedades agrícolas de pequeno porte. A prefeitura de Pinhal favorece a atração de empresas com programas de incentivos, o que é característico das cidades brasileiras no atual período, o que ocasiona a *guerra fiscal*. Agregando o espaço a esse evento, Milton Santos e Maria Adélia de Souza alertaram que é mais correto denominarmos de *guerra dos lugares*, pois cada lugar, com suas

¹⁹ Informações extraídas do sítio: www.rantac.com.br.

²⁰ O UOL agora é provedor de acesso à Internet em 79 cidades brasileiras. As cidades que acabam de ganhar a melhor conexão à rede são Casa Branca, Espírito Santo do Pinhal, Mococa, São João da Boa Vista e São José do Rio Pardo. Espírito Santo do Pinhal e São João da Boa Vista estréiam já com a possibilidade de usar modems velozes, dos padrões K56Flex e V.90, para conexão a 56,6 kbps, velocidade mais elevada permitida por linhas telefônicas comuns. É importante ressaltar que esses dados, devido o congelamento da realidade, e desta a aceleração contemporânea hoje, já são obsoletos no momento da apreensão do pesquisador. O registro importante que fica é o uso específico e o preparo específico dos lugares em cada momento da história.

especificidades, compete para atrair empresas e capitais externos para o seu território. As informações seguintes apresentam algumas das políticas institucionais da *guerra dos lugares*:

Programas de Geração de Trabalho e Renda²¹: Incentivos para atração de atividades econômicas

- Benefício tributário relativo ao IPTU e ao ISS
- Doação de Terras
- Fornecimento de Infra-Estrutura
- Distrito Industrial
- Programa de geração de trabalho e renda
- Programa ou ação de capacitação profissional

A prefeitura de Pinhal propôs novas organizações na administração do território, em 2001 - o que consta em pesquisa do IBGE, ou seja, a descentralização do poder, revelando que o comando se descentralizou em questões que manifestam ser pouco interessantes para o governo, como educação, saúde e cultura, etc. Já as demais esferas administradas (como finanças, agricultura, indústria, comércio, etc.) continuam centralizadas no controle máximo da prefeitura que abriga, na sua maioria, interesses de uma elite, como pode ser visto a seguir:

Descentralização e Desconcentração Administrativa

- Conselho na área de educação
- Conselho na área de Saúde
- Conselho de Assistência Social
- Conselho na área de Direito das Crianças/ Adolescentes

²¹ Dados do IBGE - Gestão Municipal (2001).

- Conselho na área de Meio Ambiente
- Conselho na área de Turismo
- Conselho na área de Cultura

Essa análise de políticas da prefeitura, também estabelece normas de uso do território, o que retrata uma especificidade do lugar. Especificidade essa que condiz com a realidade mundial o controle como mote do poder.

4

A EMPRESA PINHALENSE S/A MÁQUINAS AGRÍCOLAS: CONCREÇÃO DA REALIDADE SOBRE A RELAÇÃO LUGAR E MUNDO

4.1 Tipologia da Empresa

A empresa Pinhalense S/A tem sua sede administrativa e sua planta industrial localizadas em Espírito Santo do Pinhal. Fundada em 1950, a empresa é a maior fabricante brasileira e uma das maiores do mundo de equipamentos para a produção de café, sendo a única a oferecer uma linha completa de equipamentos no processo produtivo - do beneficiamento da semente, da colheita até a torrefação (ANEXO 3). Além de máquinas para todo o processo do beneficiamento da bebida do café, a Pinhalense diversificou sua produção protegendo-se da insegurança no que tange a instabilidade do complexo cafeeiro. Outras máquinas produzidas são desenvolvidas para preparar sementes e grãos (milho, soja, trigo, feijão, arroz, amendoim, ervilha, cacau, nozes, etc),²². A empresa já instalou mais de 50 usinas completas para processar sementes de grãos e cereais, com capacidade de até 30 ton/h.

²² Mesmo com a diversificação da produção, as máquinas são feitas principalmente por encomenda, utilizando-se da mesma lógica para a produção de equipamentos para o café.

As máquinas produzidas pela Pinhalense, além de utilizar das idéias de equipamentos semelhantes de outras empresas, com adaptação de suas máquinas, também são criadas localmente, fato decorrente do investimento no desenvolvimento próprio de novas tecnologias. Atualmente a empresa conquistou mais de dez patentes de máquinas para o preparo do café. Essa característica inovadora é exatamente o que o *período técnico-científico e informacional* exige para a manutenção da competitividade no mundo capitalista. A inovação é atributo da propagação do lucro (finalidade desta lógica competitiva).

No faturamento da empresa, o café expressa sua supremacia. As vendas das máquinas para o processo cafeeiro são responsáveis por quase 90% do total produzido²³. Máquinas que no total de suas vendas para o mundo inteiro, desde 1950, ultrapassou 16.000 equipamentos.

Os principais produtos oferecidos pela empresa hoje são: secador, descascador de cereja, lavador - separador de café e desmucilador. Além destes, a linha de equipamentos para beneficiar café compreende ainda: pré-secadores; pré-limpeza, cantadores de pedras; outros descascadores; polidores; classificadores; mesas vibratórias; balanças ensacadoras; carregadores pneumáticos de contêineres; balões para armazenagem; liga e ensaque; elevadores, transportadores; aparelho para laboratório de prova e diferentes tipos de torradores²⁴. Duas máquinas recentemente lançadas, que

²³ A produção total de equipamentos em 1999: 1.200 máquinas para café e 30 máquinas para cacau, sementes, grãos e nozes.

²⁴ Cada uma dessas máquinas mencionadas, possuem diversos tipos, aos quais correspondem: capacidade; dimensões; pesos e volume de processamento, possibilitando uma adequação maior às necessidades dos consumidores. O exemplo do Desmucilador DFA, elucida as possibilidades: Esse equipamento possibilita duas escolhas, o DFA-0 e o DFA-1, o primeiro tem uma capacidade de produzir 900Kg por hora, enquanto o segundo produz 1800Kg por hora; o primeiro tem um

são o desmucilador e o descascador de cereja modelo ecológico (sem causar danos ao "meio-ambiente"), foram patenteadas. Produtos que carregam junto à sua função um valor agregado, diferenciando o produto, que é o discurso ambiental, que na maioria das vezes é empregado com o objetivo de aumentar os lucros sobre as mercadorias e que acaba sendo uma nova necessidade criada pela inovação²⁵. Os produtos desenvolvidos pela empresa são, principalmente, voltados para as condições de trabalho dos países mais pobres²⁶ - pois são onde se localizam as maiores parcela da produção de café. Por essa razão, os equipamentos são extremamente resistentes, de construção robusta, para serem usados o maior tempo possível com o mínimo de manutenção, mas, simultaneamente, conciliando o uso das técnicas de construção mais avançadas e a melhor tecnologia do processamento de café. Grande parte dos equipamentos da empresa são fabricados em diferentes tamanhos, adaptando-se à pequena, média e grande propriedade, mas podendo também ser vendidos para grandes usinas de beneficiamento. Todos os equipamentos da empresa são adaptáveis para serem movidos por eletricidade, diesel ou gasolina, possibilitando a decisão do que é melhor para o comprador (GUERRA, 2003). Consideramos aqui, sem inocência, a intenção de lucros que é mais interessante à empresa do que sua preocupação com o comprador.

motor elétrico de 3HP, o segundo de 7,5 HP; o peso líquido do primeiro corresponde a 230Kg, do segundo 260Kg, o peso bruto do primeiro é de 305Kg, e do segundo 365Kg; e o volume do primeiro corresponde a 1728 m³ e do segundo também 1728 m³.

²⁵ Milton Santos adverte que o cuidado excessivo da "bondosa natureza" pode se tratar de encobrir um mundo de desigualdades. E que a necessidade deve ser anterior às invenções. *As invenções são produtos da necessidade e não o contrário. "A ideologia do problema ambiental pode encobrir a vontade de produzir uma ideologia que nos afaste da discussão central, que é a da sociedade. Nesse caso, uma certa ecologia é um dado ideológico na produção da globalização perversa".* SANTOS, Milton. "Território e Sociedade: Entrevista com Milton Santos" 2000. Fundação Perseu Abramo. São Paulo).

²⁶ A empresa investe, principalmente, em máquinas com tecnologia mecânica para a maior facilidade de manutenção dos consumidores.

A exportação de equipamentos da Pinhalense começou na década de 70 visando, no primeiro momento, países da América Central e, depois, da África. Atualmente a Pinhalense exporta para mais de 60 países, sendo que em 35 deles as vendas são mais freqüentes. A Empresa conta, desde 1985 no mercado nacional, com supervisões regionais de vendas que garantem uma maior proximidade e assistência nas regiões onde localizam os maiores produtores de café. A empresa produz anualmente cerca de 850 equipamentos para o processo de beneficiamento e aproximadamente 65% das vendas são para o mercado nacional.

Quanto à estrutura de comando, de pesquisa e de serviços da empresa temos uma hierarquia simples e cada vez mais centralizada²⁷ (ANEXO 4). A Pinhalense conta atualmente com 3 diretorias sendo elas responsáveis pelo Departamento de Finanças e Recursos Humanos (comando de serviços de contabilidade, das finanças e serviços de comunicação e transporte, serviços médicos e de segurança); Departamento Comercial (vendas, custos e supervisores regionais); Departamento de Técnicas Industriais (projetos, assistência técnica, orçamento, engenharia, compras, pesquisa & desenvolvimento e produção).

O número de funcionários aumentou para 411 pessoas em 2002, sendo que em 2001 eram 281, um aumento muito relevante no período de um ano²⁸ (idem, 2003). Uma reflexão sobre a quantidade de funcionários na empresa, quanto ao gênero, faixa etária, grau de instrução, naturalidade e residência,

²⁷ Comparando as diretorias departamentais do ano de 2001 e de 2002 percebemos que houve uma diminuição de uma (01) diretoria: eram quatro (04) e passaram para três (03) diretorias, enxugando as decisões, diminuindo os departamentos.

²⁸ A explicação encontra-se no aumento das vendas do produto devido a revalorização do preço do café. E o *marketing* pesado sobre os produtores com o discurso da importância de renovação tecnológica, valorizando os produtos da empresa.

(ANEXO 5) pode ser indicativo do conteúdo empresarial da Pinhalense: Nesse universo de 411 funcionários, são 394 funcionários masculinos e 15 funcionários femininos e 02 menores. O que revela o tipo de serviço de maior demandada na empresa, o trabalho pesado, agrupando um número expressivamente maior de funcionários masculinos. Em relação à faixa etária o maior número de funcionários estão na faixa 18 a 50 anos, momento de maior capacidade física do trabalho pesado (que requer mais força). Quanto ao grau de instrução, encontram-se poucos funcionários com superior incompleto ou completo, o que substancia a longevidade entre a ação e o conhecimento sobre a ação, ou seja, o *trabalho alienado*, desenvolvido por Karl Marx. O trabalho pesado, a venda da força de trabalho, requer reprodução de técnica, e a quase nula informação da finalidade e de todo o processo da empresa. Informação esta que se limita a uma minoria na empresa. A maioria dos funcionários são nascidos em Espírito Santo do Pinhal, e as residências, mesmo dos que vem de outras cidades passam a ser em Pinhal, assim, a maioria dos funcionários residem em Espírito Santo do Pinhal, com suas vidas dedicadas à empresa e também à cidade.

A Pinhalense atualmente não mais possui os supervisores regionais nas diversas regiões brasileiras. Os supervisores, para maior controle, mantêm-se na sede da corporação. Toda a comercialização, montagem e assistência técnica são feitas entre a empresa e os consumidores, existindo em algumas regiões escritórios de contato para transferir algumas informações e encaminhar o consumidor em contato com a sede da empresa. No exterior a Pinhalense terceirizou esse serviço de supervisores, através da Empresa de Marketing P&A, prestando apenas assistência informativa e de marketing ao consumidor. Essa política direcionada a maior parte dos serviços, mantendo na sede da empresa os serviços de contato direto com o consumidor, sem intermediários,

permite um maior controle de todo o processo produtivo, comercial e assistencial. A empresa para avançar em suas pesquisas científicas e tecnológicas mantém laço estreito com importantes centros de pesquisa: atualmente está conveniada formalmente com a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Lavras e Viçosa, já na Unesp de Jabotical há um laço ainda informal. Os interesses da empresa nestas universidades correspondem a necessidades de pesquisas tecnológicas para a produção mecânica dos equipamentos, pesquisas em química e também agronômicas.

O escoamento da produção da empresa no território nacional se dá pelas rodovias, através de caminhões cargueiros, utilizando também o escoamento aéreo, mas apenas quando os equipamentos precisam chegar ao destino urgentemente. Todo o transporte dos equipamentos é pago pelo próprio consumidor. O escoamento internacional se dá pelo transporte marítimo (97%), através do porto de Santos e 3% se dá pelo sistema aéreo, tendo como porto seco o Aeroporto do Viracopos, na metrópole de Campinas.

Sobre a matéria-prima na confecção dos equipamentos, tem a maioria origem nacional (94%):

- 60% da matéria-prima da Pinhalense é o material ferroso tendo origem do Sudeste (Usiminas, etc.);
- Redutores, de São Paulo;
- Motores, de Santa Catarina;
- 3% da matéria-prima é a madeira originária do Centro-Oeste e do Norte;
- Correias, importadas dos E.U.A, Europa e Rússia, e também originárias do Sudeste.

Com todas essas informações apresentadas fica explícito o poder de atuação que essa empresa tem no lugar e no mundo, sua ação na produção cafeeira, em todos os níveis, traz a essa empresa uma grande responsabilidade sobre as transformações da cafeicultura no Brasil e no mundo, e aí reside a importância de seu conhecimento.

4.2 A Relação da Empresa Pinhalense com o Lugar

Nesse momento da história as empresas se voltam não apenas mais ao conhecimento do mundo, mas se voltam também ao conhecimento dos lugares. A Pinhalense tem o território de Espírito Santo do Pinhal como resistência de sua trajetória. Ela, particularmente, tem o território como *recurso*, e também *abrigo*²⁹. Este último faz sentido se se considerar a origem da empresa, que é Espírito Santo do Pinhal, as pessoas que constituem a empresa em sua maioria são pinhalenses, sua história não é adversa à história de Pinhal (tendo como mote o café) e sua ação tem de algumas maneiras coerência com o lugar. Mas também ela tem uma relação de uso como *recurso* do território pinhalense: valendo-se de especificidades do lugar para a garantia de seu maior lucro, impondo densidades técnicas e normativas, que muitas vezes são racionalidades adversas às verdadeiras necessidades de todo o território. Assim, Espírito Santo do Pinhal possui especificidades indispensáveis no sucesso da empresa. Mas apesar de todas as qualidades da

²⁹ Território como *recurso* e *abrigo* são conceitos que J. Gottman criou e que Milton Santos se utiliza para exemplificar o conceito de *uso do território*.

cidade, ela está longe de ser uma cidade que comporte e ofereça uma infraestrutura de excelência para a competição com outros lugares para atração de empresas. A pergunta que não quer calar neste momento é: Como a Pinhalense resiste à competitividade que o mundo exige para se manter, com algumas limitações em Espírito Santo do Pinhal?

Uma hipótese seria exatamente a diversidade e especificidades dos lugares, por mais que um lugar possa parecer pouco estruturado de gigantescas infra-estruturas, ainda assim podemos encontrar nos lugares outras vantagens que façam com que a empresa desponte incrivelmente no mercado mundial.

Encontramos na cidade uma boa infra-estrutura de circulação material e imaterial, força de trabalho, ausência de um histórico de greves, subsídios, apoio, mesmo que limitados, de centros de formação técnica e de pesquisa como a Faculdade de Agronomia (CREUPI)³⁰, oportunidade de excelente conhecimento sobre o "mundo" do café³¹, uma especialização afinada com relação ao complexo cafeeiro. Relevância estratégica para o lugar, a existência da empresa também dinamiza o lugar, possibilitando à empresa uma interessante influência nas decisões políticas. No entanto, outras necessidades da empresa não são possíveis de realização na cidade, mas são contornáveis com as possibilidades de solidariedades com outros lugares que se concretizam cotidianamente, dependendo da força e influência que a empresa despende ao mundo. Como já descrito, a Pinhalense em sua busca incessante por tecnologia,

³⁰ Existem acordos de cooperação entre a Pinhalense, o Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal (CREUPI), representado por sua Faculdade de Engenharia Agrônômica e também de pesquisa e treinamento realizados pela faculdade de Agronomia e Zootecnia Manuel Carlos Gonçalves de Espírito Santo do Pinhal.

³¹ A localização da empresa numa das maiores áreas cafeeiras do mundo e a história de Pinhal são fatores fundadores da possibilidade de existência da pinhalense.

para acompanhar a volúpia do mundo, tem acordos com centros de excelência em tecnologia e desenvolvimento, como é o caso da Unicamp.

A Pinhalense também se perpetua através do seu refinado conhecimento do funcionamento do mundo, a tradição é um fator preponderante em seu destaque. Tradição essa escolhida para manter-se no mercado. A Pinhalense, em seu *marketing* próprio, carrega a tradição do conhecimento presencial, e não virtual como impõe uma nova lógica de *marketing*. Os consumidores dos produtos pinhalense não se miram em selos de qualidade, eles conhecem de perto a qualidade dos produtos, mesmo os novos consumidores internacionais. A empresa tem uma política de trazer o consumidor à cidade de Pinhal para conhecer as propriedades produtoras tradicionais de café de qualidade, conhecem as indústrias de beneficiamento (que utilizam o equipamento da Pinhalense) e acabam por conhecer o funcionamento das máquinas na cidade e o processo de confecção na fábrica. Normatizações como ISOs são desconsideradas pela empresa, pois a compra de selos torna-se inviável, o lugar também impõe suas condições ao mundo: Para a Pinhalense, o padrão de qualidade está no trabalho cotidiano de inovação e tradição com a qualidade, provada pelo conhecimento presencial dos consumidores³². A imposição da normatização não é forma igualitária de se controlar a qualidade, mas sim um símbolo para agregar mais valor aos produtos, uma mercadoria, uma mercantilização com finalidade no próprio meio. Já um princípio ético, sem dúvida, é uma qualidade.

³² Em uma recente entrevista com o Diretor do Departamento de Vendas da Pinhalense - Lourenço Del Guerra afirma que: "O *marketing* presencial é o valor efetivo, qualidade na relação pessoal, Os novos compradores vão até a Pinhalense para conhecê-la. Essa é a Logística de venda da produção na Pinhalense".

Outro dado a favor da resistência e importância mundial da empresa é o número maior de possibilidades em tipos de produtos que ela oferece. Os equipamentos Pinhalense são projetados considerando as diversas condições de produção no Brasil e no Mundo. São máquinas projetadas tendo em vista as condições específicas dos lugares. Não que o produtor tenha especificamente o que ele precisa, mas a possibilidade de aproximação do que lhe convém é maior. Com esse princípio a Pinhalense não sofre competição, o que ocorre são concorrências que acabam por motivar sua continuidade.

A empresa demonstra, através dos seus supervisores, altamente controlados, que para tal função é indispensável o conhecimento profundo de todo o território brasileiro, ou de qual for o país que compre seus equipamentos. Essa estratégia empresarial é de fundamental importância, pois conhecimento e informação são dados constitutivos da manutenção do poder.

Os funcionários da Pinhalense são treinados por volta de 15 anos para estarem prontos para a excelência de seu trabalho na empresa, um trabalho que o levará a confeccionar, instalar e tratar da manutenção dos equipamentos por toda parte do mundo. A Pinhalense investe altamente no treinamento de seus técnicos, engenheiros, entre outros. Essa é outra fundamental estratégia da empresa, sua consolidação está associada com a força de trabalho tradicional em Pinhal e que tem seu lugar como total identidade e não o abandonará. O técnico depois de desenvolvido é garantido na empresa pelo simples fato de não ter outro lugar para vender sua força de trabalho, com o tipo de treinamento imposto ao funcionário. Uma relação contraditória e de extrema perversidade.

A estreita relação entre o Mundo e o Lugar atualmente nos propõe cotidianamente uma confusão entre o que é particular e o que é universal, e a

empresa de máquinas agrícolas de Pinhal nos elucida sobre essa dialética difícil de se apreender. Ao mesmo tempo em que ela acompanha as tecnologias mais avançada, ela se abriga na tradição e nas características específicas de seu lugar, oferecendo um caráter tentador de se pesquisar e entender sua contrariedade, uma empresa com simples hierarquia de produção, com uma sede de comando, pesquisa e produção num mesmo local, anacrônica aos modelos de verticalização das grandes empresas, mas não menos importante na produção capitalista mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tentativa de compreensão do mundo e do lugar, em sua abstração, o Espaço Geográfico, esta longe de ser concluída com uma visão pessimista do lugar e do mundo, mesmo tendo algumas reflexões favoráveis a tal pensamento. Entendendo o todo e o particular como uma totalidade dialética e possível de transformação, pode-se restaurar o otimismo, que muitas vezes se empobrece com a perda do conhecimento da existência. Sem esquecer do ensinamento de Milton Santos, o mundo é um conjunto de possibilidades. E as possibilidades estão dadas, mas nem todos sabem disto. A idéia que se encontra na insistência de SANTOS de que acima de qualquer presunção individualista, o espaço é banal, ou seja, as possibilidades estão para todos que as identificam.

Fábio Tozi protesta que "a esperança é renovada a cada novo momento, a cada nova situação que se impõe aos lugares (...) As bases técnicas do futuro promissor estão presentes nos lugares de forma concreta ou latente. As solidariedades que mantêm a vida nas situações mais impróprias e inacreditáveis reabilitam os objetos, e conseqüentemente sua racionalidade primeira. E podem a partir disto partir para o novo uso das técnicas, um novo uso do território, que atenda aos princípios do homem, e dignifique sua existência" (TOZI, 2001: 62).

A vida tem que estar repleta de sabor e de intensidade, para isso temos que ser rigorosos com nossa existência, construir uma essência inovadora no conhecimento do mundo, conhecer o mundo e o lugar e revelar as desigualdades, essa é a própria prática revolucionária. O momento atual em que

a universidade cada vez mais nos impede de pensar sobre a vida, a ética, o outro, fica cada vez maior nossa responsabilidade em levar o conhecimento da realidade a diante. Essa é a verdadeira razão de ser da academia, precisamos nos assumir.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO FILHO, José Ribeiro. *O Café em São Paulo*. In: "Boletim Paulista de Geografia". São Paulo, 1975.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. T.A. Queiroz. São Paulo, 1983. 2ª edição.

_____ *Padrões Diferenciados das Principais Regiões Cafeeiras (1850 - 1930)*. 1985.

CASTILLO, Ricardo; TOLEDO, Rubens & ANDRADE, Julia. *Três Dimensões da Solidariedade em Geografia - Autonomia Político-Territorial e Tributação*. Revista Experimental, nº3, setembro, 1997, São Paulo.

CATAIA, Márcio Antonio. *Território Nacional e Fronteiras Internas: A fragmentação do território brasileiro*. Tese de Doutorado. Orientação Profa. Dra. Maria Adélia A. de Souza. Departamento de Geografia - FFLCH - USP. 2001.

FREDERICO, Samuel. *O circuito espacial produtivo do café e competitividade territorial no Brasil*. Monografia. Orientação: Ricardo Castillo. Departamento de Geografia - IG - Unicamp. 2002.

FURTADO, Celso. *Brasil: os Caminhos da Reconstrução*. Brasília, 1999.

Formação Econômica do Brasil. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 1987. 22ª edição.

GUERRA, Lourenço Del. Entrevista realizada com o Diretor Comercial da Empresa Pinhalense S/A em janeiro de 2003.

KAHIL, Samira Peduti. *O mundo no lugar: Itinerário para uma Geografia da Existência.*
In: Revista Experimental n. 4/5. Setembro de 1998.

MARTINS, Roberto Vasconcellos. *Divino Espírito Santo e Nossa Senhora das Dores do Pinhal - História de Espírito Santo do Pinhal.* 1986.

MONBEIG, Pierre. *Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo.* Ed. HUCITEC & Ed. Polis. São Paulo, 1984.

ORMOND, J. C. Pacheco; PAULA, Sérgio R. de Lima de; FAVERET FILHO, Paulo. *Café: (Re)conquista dos Mercados.* BNDES Setorial. Rio de Janeiro, n. 10, 1999.

PINHALENSE S/A MÁQUINAS AGRÍCOLAS. *Perfil da "Pinhalense".* 2000.

PLÉ, Caroline. *L'Oreal, Primeiro Grupo Francês de Cosméticos. Estudo de uma Sociedade Multinacional do Mundo ao Local.* (S/D)

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESPÍRITO SANTO DO PINHAL. *150 anos de Espírito Santo do Pinhal.* 1999.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo Razão e Emoção* (1996).
HUCITEC, 3º ed, 1999, São Paulo.

_____ *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Record.
Rio de Janeiro / São Paulo, 2001.

_____ *O Espaço Dividido. Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos
Países Subdesenvolvidos*. Livraria Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro,
1979.

_____ *O Território e o Saber Local: Algumas Categorias de Análise*.
Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano XIII, nº2, 1999.

_____ *Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência
universal*. 2º ed., Record. São Paulo, 2000.

_____ *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-Científico
Informacional*. HUCITEC. 4º ed. São Paulo, 1998.

_____ *Guerra dos Lugares*. In: Jornal Folha de São Paulo, (8/8/1999-a).

_____ *O Lugar: Encontrando o Futuro*. 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo* (1946). In: Os Pensadores.
Abril Cultural, 1978, São Paulo.

SEBRAE/SP. FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. *o Desempenho das MPE's na Indústria de Torrefação e Moagem de Café*. São Paulo, julho de 2001,

SOUZA, Maria Adélia de. *O Lugar de Todo Mundo - A Geografia da Solidariedade*. Conferência feita no I Encontro Internacional de Geografia da Bahia. 1997(a).

_____ *Cidade: Lugar e Geografia da Existência*. Conferência do 5º Simpósio Nacional de Geografia Urbana, Salvador, 1997b.

_____ *A Identidade da Metrópole: A Verticalização em São Paulo*. São Paulo. HUCITEC; EDUSP, 1994.

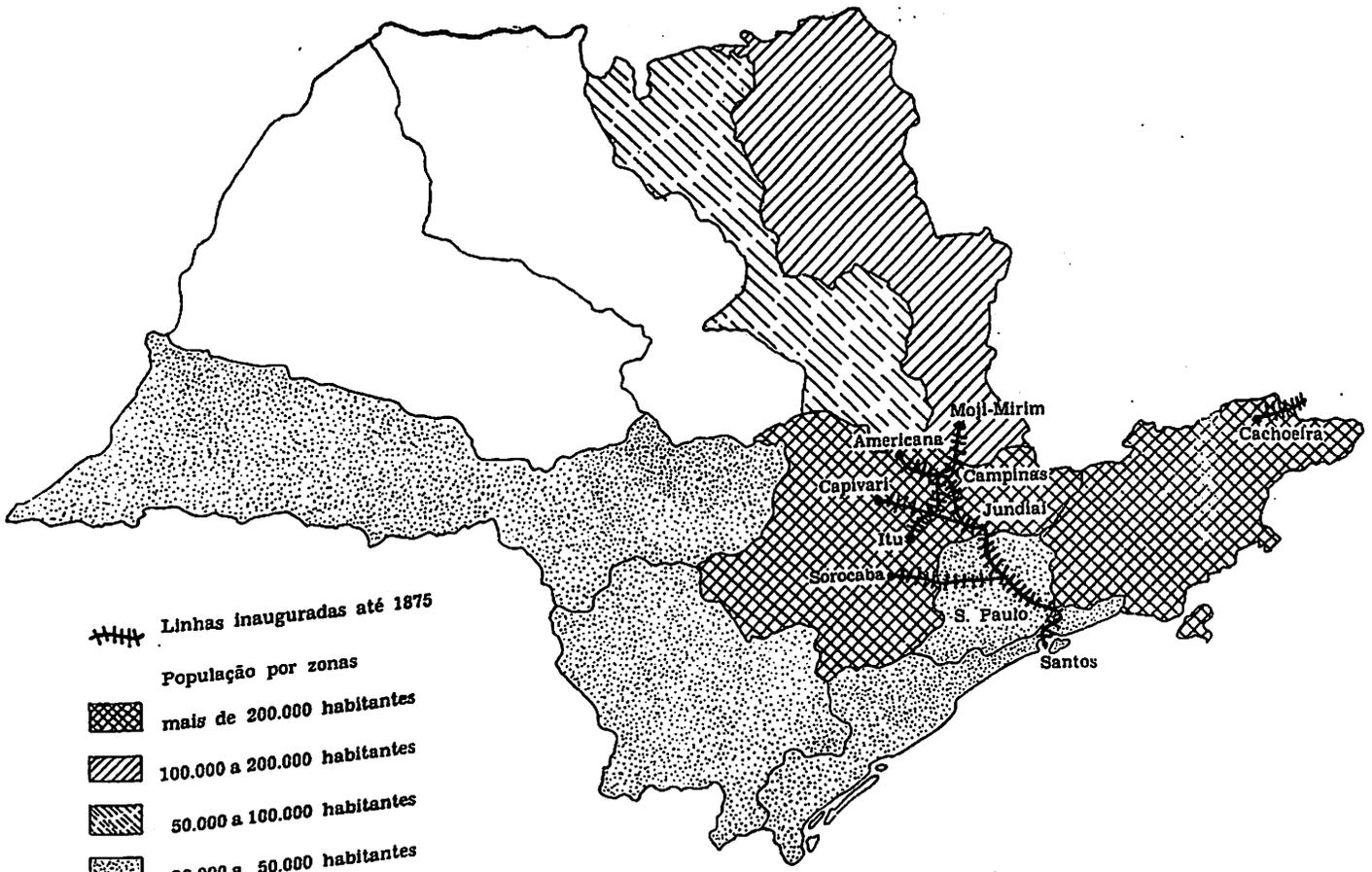
TOZI, Fábio. *Geografias da Desigualdade - Território e Fome*. Monografia. Orientação: Maria Adélia de Souza. Departamento de Geografia - IG - Unicamp. 2001.

Sítios de internet consultados:

PINHALENSE S/A MÁQUINAS AGRÍCOLAS: www.pinhalense.com.br

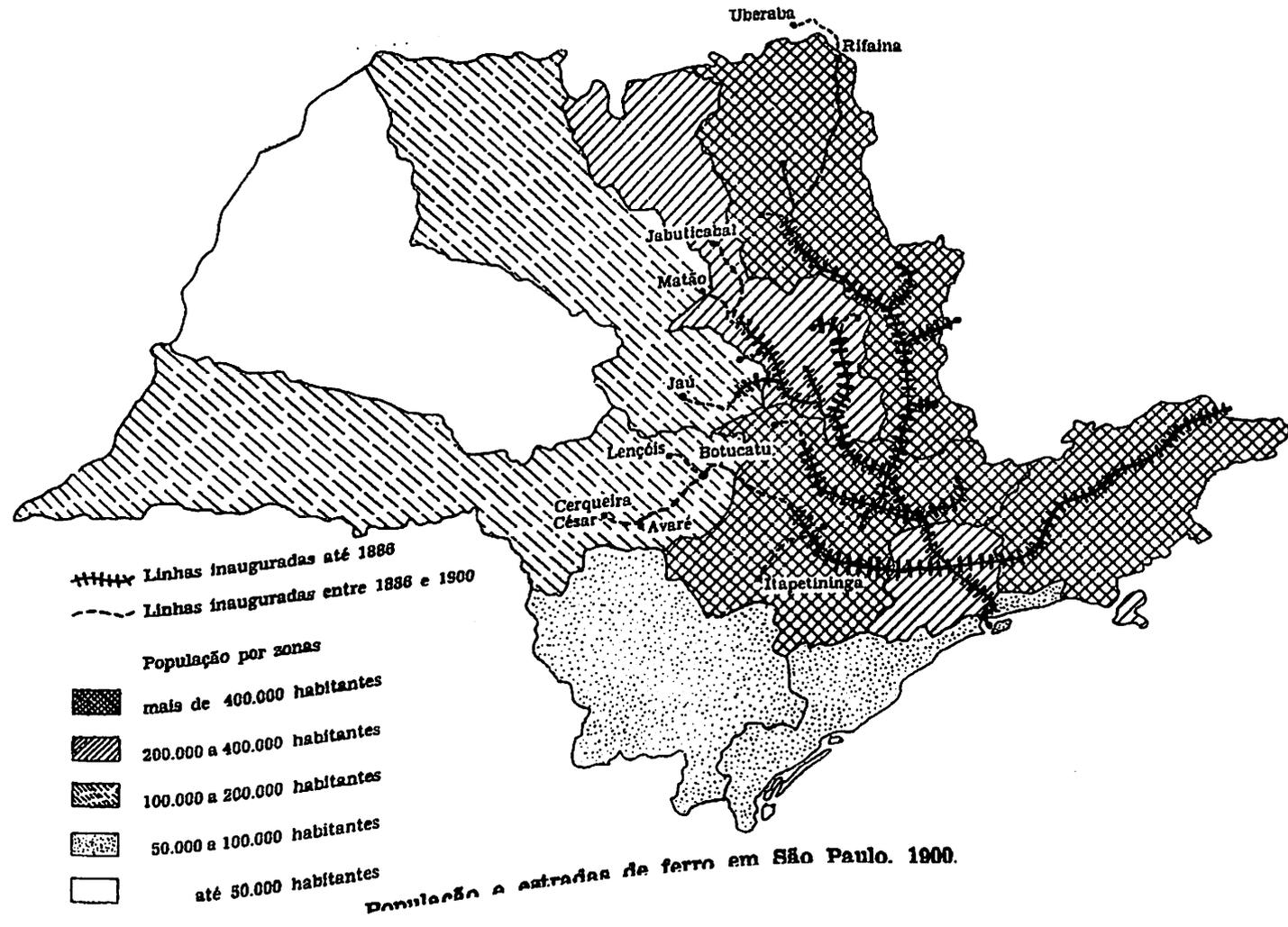
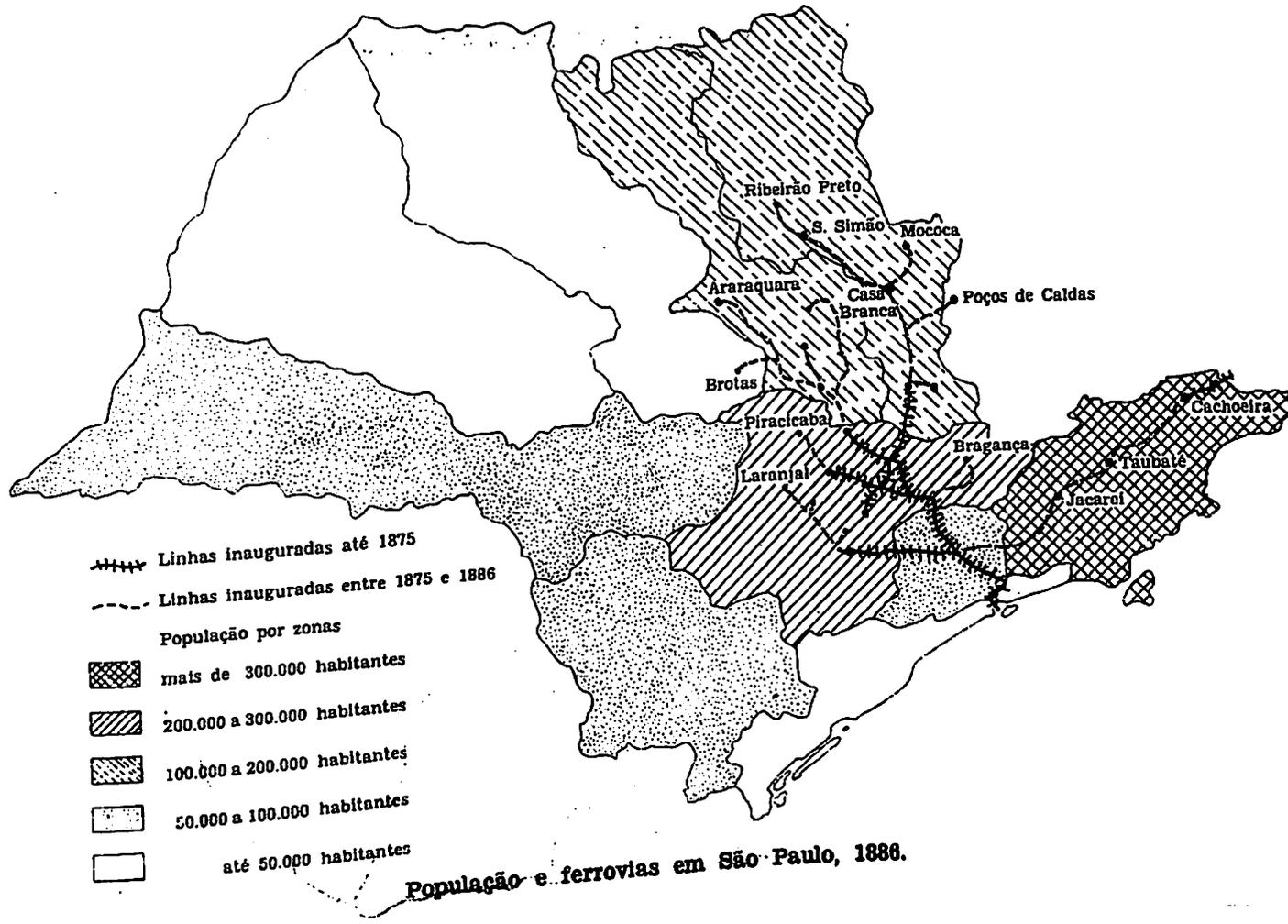
www.rantac.com.br

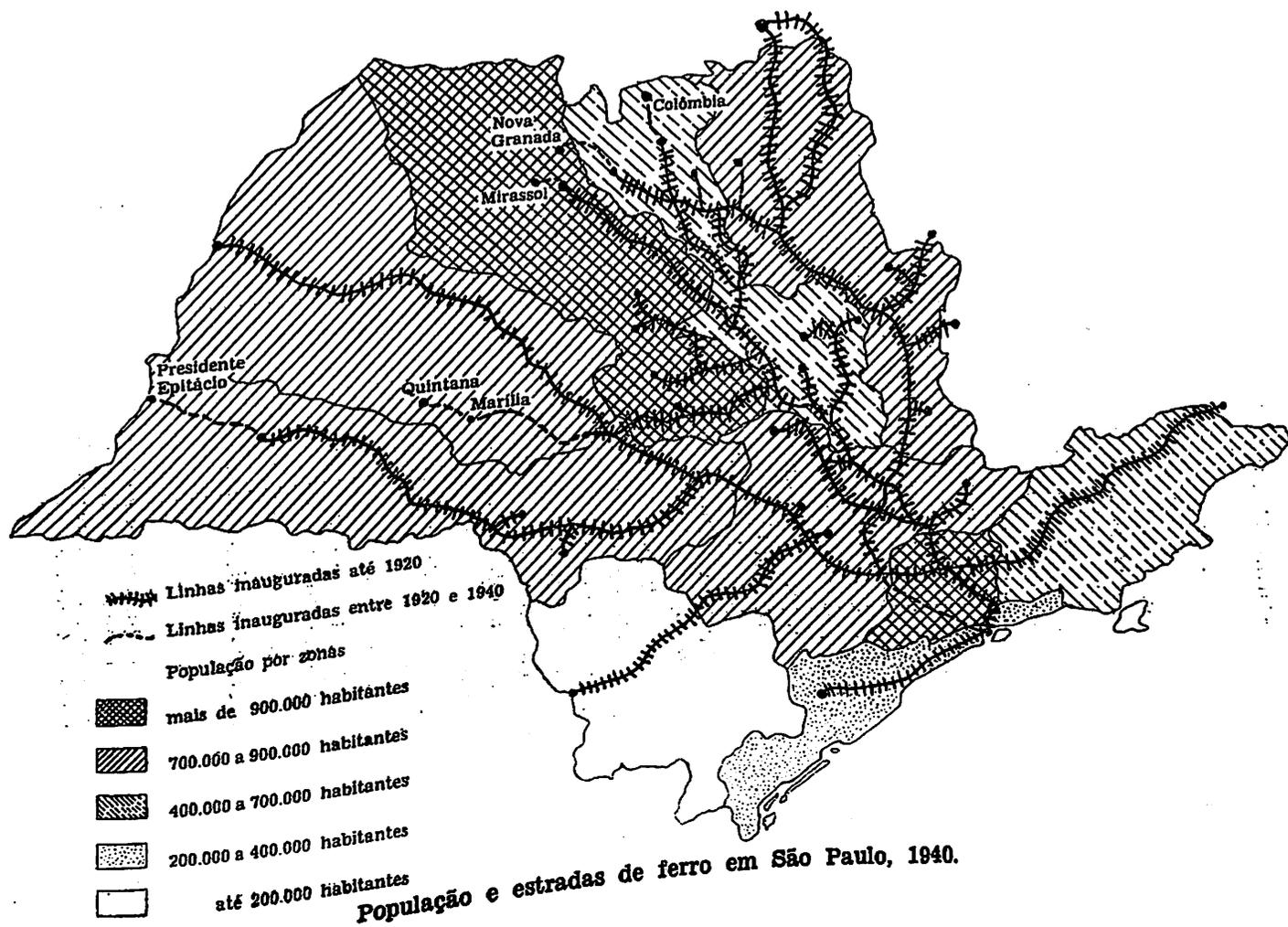
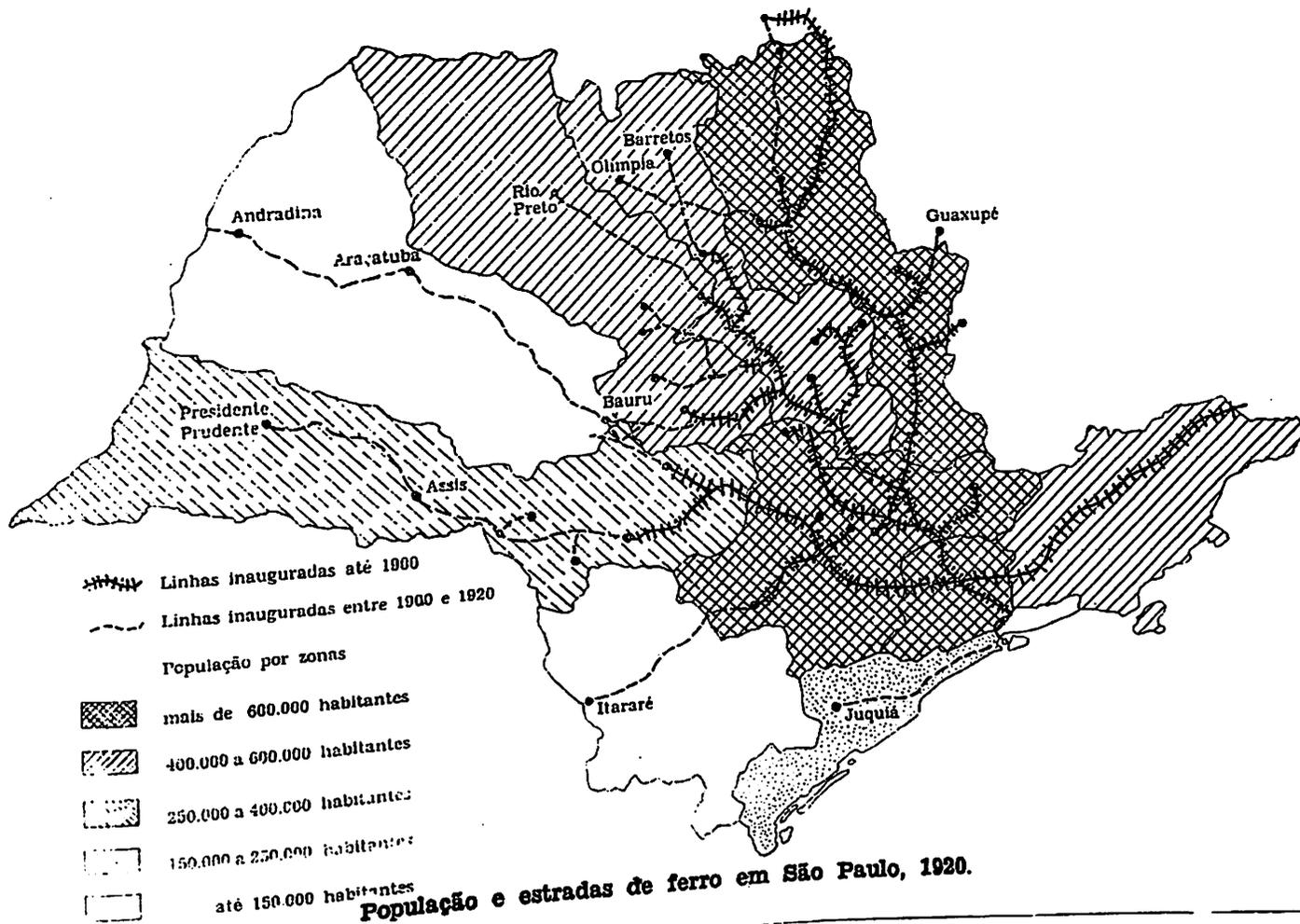
ANEXO 01



- Linhas inauguradas até 1875
- População por zonas
- ▣ mais de 200.000 habitantes
- ▤ 100.000 a 200.000 habitantes
- ▥ 50.000 a 100.000 habitantes
- ▦ 30.000 a 50.000 habitantes
- até 30.000 habitantes

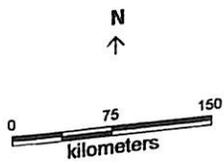
População e estradas de ferro em São Paulo, 1874.





ANEXO 02

Estado de São Paulo, Município de Espírito Santo do Pinhal



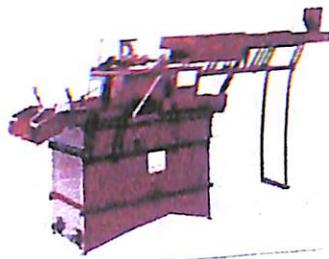
Fonte: IBGE

ANEXO 03

Processamento mecanizado do café



Produção
Agricultura de
precisão e
colheitadeiras
mecânicas.



Lavador: Separa
impurezas, pedras e
o grão "Bóia" do
grão "Cereja".



Secador
vantagens:
reduz o terreiro,
seca uniforme e
com maior
rapidez.



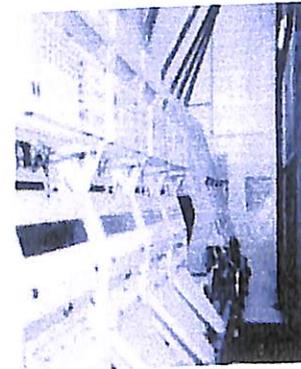
Desmucilador:
retira a
mucilagem.



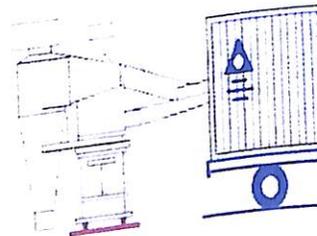
Despoldador:
retira a polpa e
deixa apenas o
pergamimho do
café.



Descascador: retira o
pergamimho e produz
grão verde para
exportação.



Selecionador eletrônico:
rebeneficiamento do grão
para exportação.

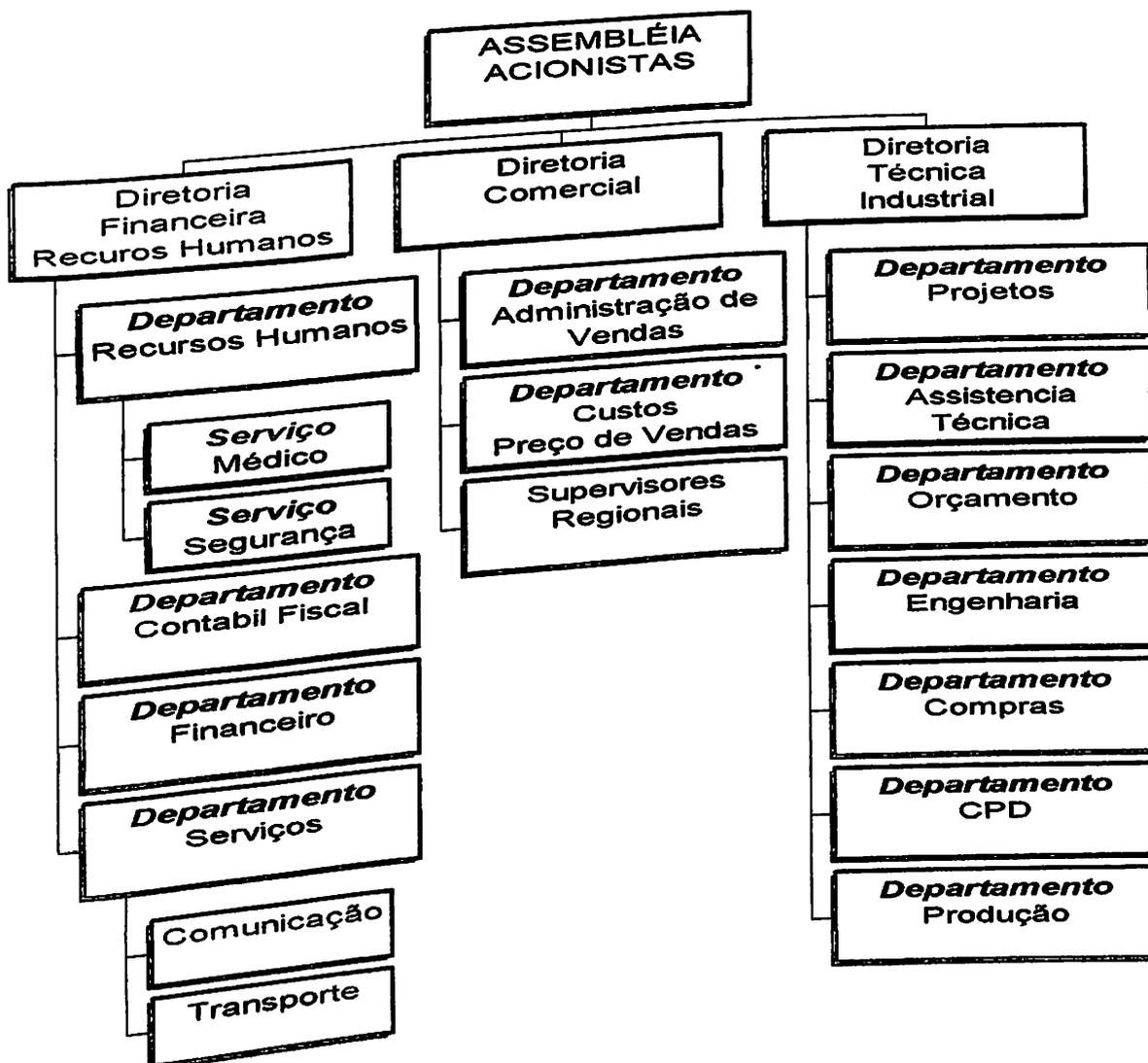


**Carregador de
contêineres:** possibilita
uma maior agilidade na
logística de embarque e
desembarque do café.

ANEXO 04

ORGANOGRAMA 2002

PINHALENSE S/A MÁQUINAS AGRICOLAS



ANEXO 05

INFORMAÇÕES DE FUNCIONÁRIOS - JANEIRO 2003

TOTAL DE FUNCIONÁRIOS EM 2001

FUNCIONARIOS	QUANTIDADE
DIRETORES	4
MASCULINOS	259
FEMININOS	15
MENORES	3
TOTAL	281

TOTAL DE FUNCIONÁRIOS EM 2002

FUNCIONARIOS	QUANTIDADE
DIRETORES	3
MASCULINOS	394
FEMININOS	15
MENORES	2
TOTAL	414

FAIXA ETÁRIA EM 2002

IDADE DE	QUANTIDADE
14 à 18 anos	5
18 à 25 anos	113
25 à 35 anos	138
35 à 50 anos	130
50 à 66 anos	28
TOTAL	414

GRAU DE INSTRUÇÃO EM 2002

FUNCIONARIOS COM	QUANTIDADE
PRIMARIO COMPLETO	8
PRIMARIO INCOMPLETO	23
GINASIAL INCOMPLETO	64
GINASIAL COMPLETO	99
COLEGIAL INCOMPLETO	88
COLEGIAL COMPLETO	103
SUPERIOR INCOMPLETO	12
SUPERIOR COMPLETO	17
TOTAL	414

NATURALIDADE DE FUNCIONÁRIOS EM 2002

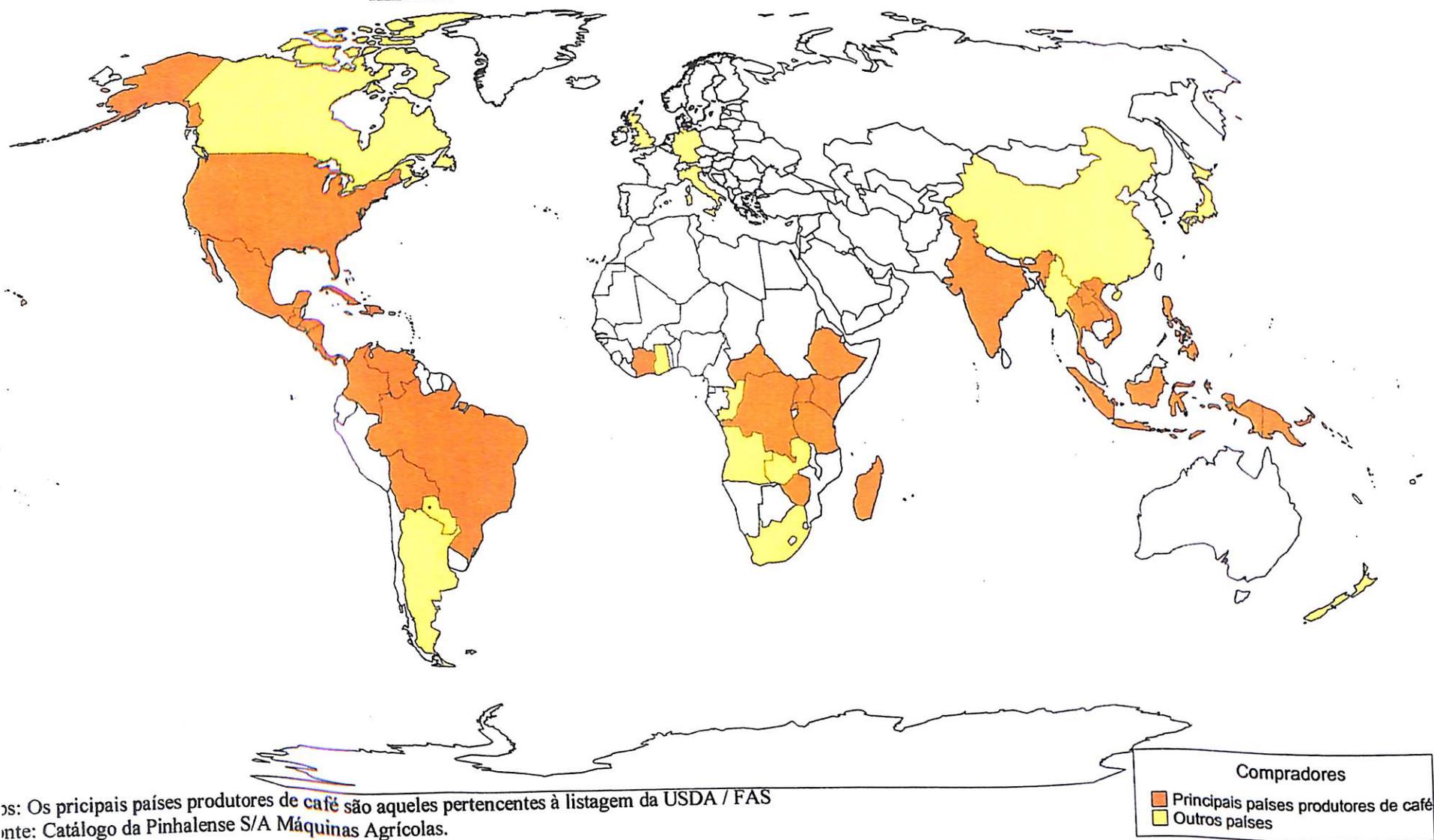
NATURAL DE	QUANTIDADE
ESPIRITO SANTO DO PINHAL	373
OUTROS MUNICIPIOS	41
TOTAL	414

MUNICIPIOS DAS RESIDENCIAS DOS FUNCIONÁRIOS

FUNCIONARIOS QUE RESIDEM EM	QUANTIDADE
ESPIRITO SANTO DO PINHAL	405
MOGI GUAÇU - SP	2
MOGI MIRIM - SP	1
SANTO ANTONIO DO JARDIM - SP	5
VENDA NOVA DO IMIGRANTE - ES	1
TOTAL	414

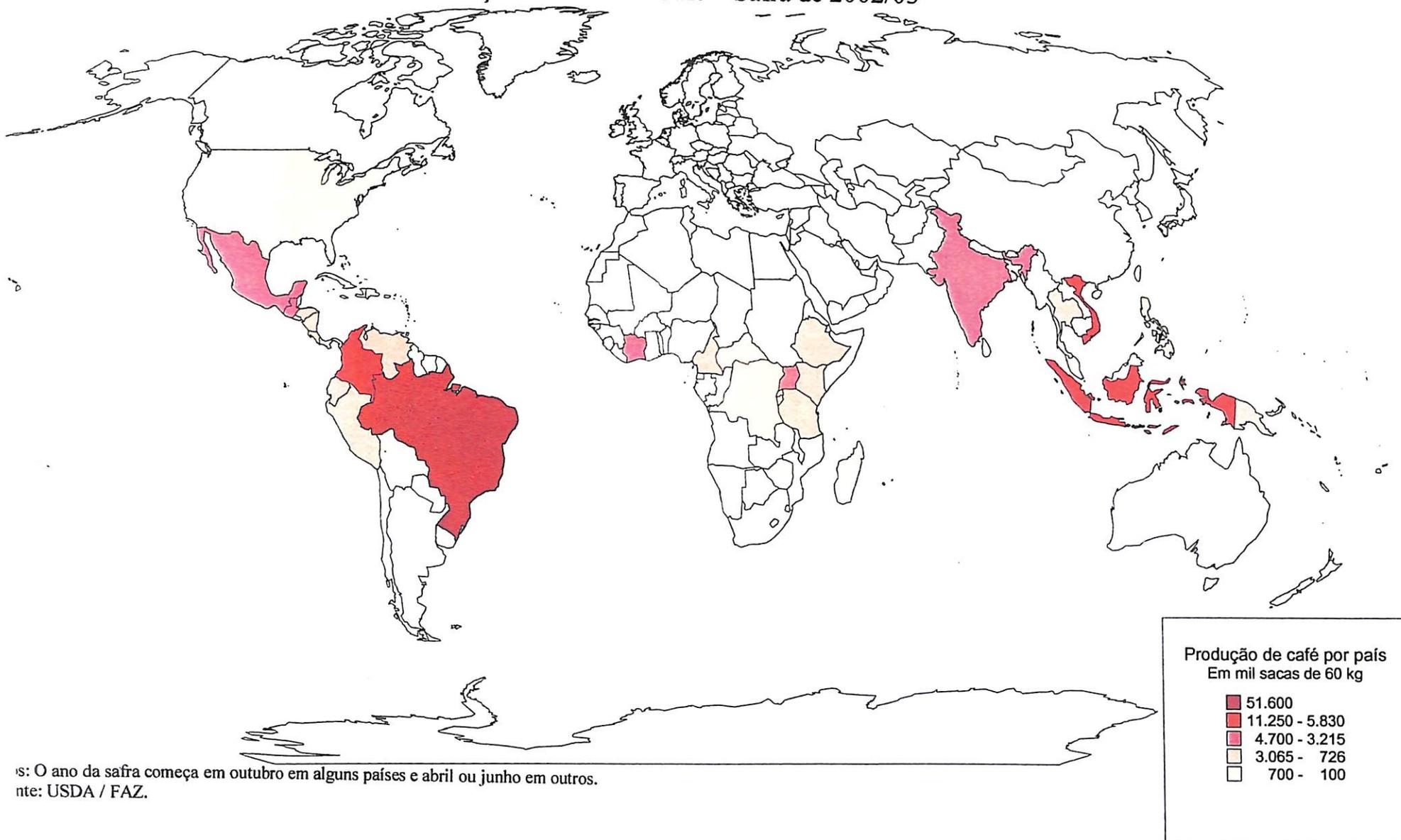
ANEXO 06

Países Compradores de Produtos da Pinhalense S/A Máquinas Agrícolas - 2002



Os principais países produtores de café são aqueles pertencentes à listagem da USDA / FAS
Fonte: Catálogo da Pinhalense S/A Máquinas Agrícolas.

Produção Mundial de Café – Safra de 2002/03



is: O ano da safra começa em outubro em alguns países e abril ou junho em outros.
nte: USDA / FAZ.